

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Andreli de Almeida Zanirato

**O ideal da cavalaria medieval e o comportamento cortês na *Gesta Danorum* de Saxo
Grammaticus (c. 1180-1215)**

Porto Alegre

2013

Andreli de Almeida Zanirato

O ideal da cavalaria medieval e o comportamento cortês na *Gesta Danorum* de Saxo Grammaticus (c. 1180-1215)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Cybele Crossetti de Almeida

Porto Alegre

2013

Andreli de Almeida Zanirato

O ideal da cavalaria medieval e o comportamento cortês na *Gesta Danorum* de Saxo Grammaticus (c. 1180-1215)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Cybele Crossetti de Almeida – Orientadora - UFRGS

Igor Salomão Teixeira - UFRGS

José Rivair Macedo - UFRGS

Porto Alegre

2013

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à orientadora deste trabalho, a professora Cybele, que me acompanha desde o segundo semestre na universidade. Foram vários anos de imensa paciência, conselhos, correções, eventuais puxões de orelha, biscoitinhos e chimarrão. Muito obrigada por tudo! Sinto que serei eternamente tua orientanda.

Aproveito para agradecer também aos colegas do projeto “Imagens de Joana d’Arc”, especialmente a Paula Flores que, junto à Cybele, proporcionaram a minha primeira experiência com grupo de pesquisa.

Agradeço também aos meus colegas do curso de História, que fizeram esta experiência ser mais divertida do que eu imaginava. Queria agradecer em particular o companheirismo das colegas Juliet (“Chúli”) Schuster Pereira e Thaís (“Thatha”) Assis Vieira, que suportam com bom humor e paciência quase estoica todas as minhas crises nervosas. Também queria agradecer a uma amiga da minha cidade natal, Mariana Korberg que, mesmo estando longe, está sempre tão perto.

E por último, mas paradoxalmente acima de tudo, agradeço aos meus pais, João e Clarisse. Obrigada pela confiança na minha inteligência e por nunca me deixarem desistir dela, e também por nunca terem desistido de mim... Obrigada por me incentivarem a ler desde pequena, e adquirir o gosto pelo estudo e pelas letras. E obrigada por deixarem sua filha única ir morar sozinha em Porto Alegre para estudar, dar um sentido na vida e descobrir quem ela é. Sinto que estou cada vez mais perto.

Resumo

Este trabalho analisa a utilização de modelos de comportamento cavaleiresco e cortês, entre o final do século XII e início do XIII, nos personagens guerreiros da obra *Gesta Danorum* – ou *História da Dinamarca* – pelo clérigo dinamarquês Saxo Grammaticus. O clérigo pode ser considerado um agente do processo de europeização: havia estudado no centro cristão os grandes autores da Antiguidade e os principais eruditos de seu tempo, levando para a Dinamarca um ideal comportamental e modelos literários e ideológicos que influenciaram sua escrita. Para compreender esta interação cultural entre o continente medieval e a Escandinávia, analisei as transformações que ocorreram em ambas as áreas, utilizando o aporte teórico de sistema-mundo católico elaborado por Nils Blomkvist. Segundo esta interpretação, uma parte do continente cristão se configura como a área central, ao passo que os reinos escandinavos, entre outras regiões, representam as semi-periferias. No período em análise, o centro passou por mudanças complexas, que incluíram a crescente urbanização, a ascensão de monarquias mais centralizadas, a expansão da Cristandade e da ideologia da Igreja, e o florescimento do renascimento cultural – do qual se destacam a literatura cavaleiresca e a difusão do comportamento cortês. A partir da ação conjunta de agentes de europeização – especialmente clérigos (a *ecclesia*) e as emergentes camadas mercantis (a *mercatura*) –, estas mudanças logo se disseminaram para outras regiões além do centro, juntamente a transformações nas áreas administrativa e política. Assim, entre os séculos XII e XIII, os reinos escandinavos, interagindo com o centro também culturalmente, passaram a produzir uma literatura própria, que exaltava o passado pagão com modelos literários medievais, ao mesmo tempo em que buscava igualar a história da Escandinávia com a das grandes monarquias do continente. Nesse processo, a obra *Gesta Danorum* se configura como a tentativa de Saxo de construir uma história gloriosa do reino dinamarquês, e nela, o clérigo representa seus guerreiros com o ideal comportamental advindo do centro.

Palavras-chave: expansão da Cristandade; europeização; Saxo Grammaticus; *Gesta Danorum*.

Abstract

This paper analyzes the use of chivalrous and courteous behavior, between the late twelfth and early thirteenth centuries, in the warrior characters of the book *Gesta Danorum* – or *History of Denmark* – by Danish cleric Saxo Grammaticus. The churchman can be considered an agent of the process of Europeanization: he had studied in the Christian center the great writers of Antiquity and the leading scholars of his time, taking to Denmark a behavioral ideal as well as literary and ideological models that influenced his writing. To understand this cultural interaction between the medieval continent and Scandinavia, I analyzed the changes that occurred in both areas, using the theoretical framework of catholic world-system developed by Nils Blomkvist. According to this interpretation, a portion of the Christian continent is configured as the central area, while the Scandinavian kingdoms, amongst other regions, represent the semi-peripheries. In this period, the center had undergone complex changes, which included increasing urbanization, the rise of more centralized monarchies, the expansion of Christianity and the ideology of the Church, and the flowering of a cultural renaissance – in which the chivalric literature and the dissemination of a courtly behavior stand out. From the conjunct action of Europeanization agents – especially clerics (the *ecclesia*) and the emerging merchant classes (the *mercatura*) – these changes soon spread to other regions beyond the center, along with changes in the political and administrative areas. Thus, between the twelfth and thirteenth centuries, the Scandinavian kingdoms, interacting with the center also culturally, began to produce their own literature, which exalted the pagan past with medieval literary models while seeking to match the history of Scandinavia with the great monarchies of the continent. In this process, the book *Gesta Danorum* can be seen as Saxo trying to build a glorious history of the Danish kingdom, and in it, the cleric represents his warriors with a behavioral ideal that came from the center.

Key-words: expansion of Christianity; Europeanization; Saxo Grammaticus; *Gesta Danorum*.

Sumário

Introdução	8
1. Considerações teóricas	10
1.1 Ideologia, europeização e expansão europeia	10
1.2 O modelo de “sistema-mundo católico” de Nils Blomkvist	12
1.3 As reações ao avanço do centro	16
2. Mudanças no centro católico	18
2.1 1075 a 1225 – o “longo século XII”	21
2.2 A literatura cavaleiresca e o comportamento cortês	24
3. A Dinamarca – de reino viking semi-periférico a monarquia cristã	27
3.1 A literatura na Escandinávia	37
4. Saxo Grammaticus e a <i>Gesta Danorum</i> (c. 1180-1215)	40
4.1 Os guerreiros da <i>História da Dinamarca</i>	53
5. Considerações finais	64
6. Bibliografia	65
7. Anexos	70

Introdução

Este trabalho de conclusão de curso começou em função de uma súbita mudança de temática. Sempre me interessei pela Idade Média e, nos últimos anos, canalizei essa curiosidade para a Escandinávia no período pagão, a chamada Era Viking (séculos VIII-XI). Ao iniciar a busca pelas fontes para este estudo, minha orientadora sugeriu a *História da Dinamarca*¹ - ou *Gesta Danorum* -, escrita pelo clérigo dinamarquês Saxo Grammaticus aproximadamente entre os anos 1180 e 1215. Eu já havia adquirido uma grande curiosidade nesse período pela religiosidade nórdica, especialmente um culto xamânico praticado por essa sociedade, denominado *seidr*. Mas, infelizmente, não havia nada significativo na *GD* sobre esse culto passível de um estudo com o viés antropológico que eu almejava. No entanto, ao longo da leitura e análise dessa fonte, outros aspectos se sobressaíram e chamaram minha atenção, especialmente os que pareciam não condizer com algumas características da sociedade nórdica pagã – tanto do período pré-viking quanto viking –, como se verá a seguir. Foi uma dessas características que se tornou, assim, a temática central desde trabalho.

Ao longo dessa leitura inicial notei, na *GD*, que a caracterização de muitos personagens parecia representar² traços advindos do Ocidente medieval, dominado pela religiosidade católica e pelo sistema feudal, afastando-se de traços característicos de uma sociedade pré-cristã, separada da anterior não só espacialmente, mas também culturalmente. Em especial, a figura dos guerreiros – com conduta moral exemplar e nobre – suscitou meu interesse, pois pareciam possuir o ideal do cavaleiro cristão medieval, que ainda não existia no período retratado na obra. Entretanto, o mesmo ideal já se encontrava arraigado nos modelos literários e na sociedade da Europa medieval no período da escrita da *GD*, período que acabou por se tornar o corte cronológico deste trabalho. Ao mesmo tempo, Saxo, como clérigo e membro da aristocracia dinamarquesa, teria possivelmente estudado teologia em Paris³, absorvendo ali, mesmo que indiretamente, os modelos de

¹ Daqui em diante denominada *GD*. Uma versão completa em latim da obra está disponível online em <<http://wayback-01.kb.dk/wayback/20101108105429/http://www2.kb.dk/elib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/>>.

² O *representar* aqui está de acordo com a concepção de Roger Chartier, que é “fazer ver um objeto ausente através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstruir em memória e de figurar como ele é”. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 20. O conceito proposto por ele é dedicado ao século XVII, mas creio ser possível aplicá-lo, enquanto uma abstração de cunho interpretativo, a outros períodos e temas.

³ Consenso da maioria dos estudiosos que analisam a obra. Por exemplo, MUCENIECKS, André S. *Virtude e Conselho na pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII)*. Tese de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em

<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/14475/Dissertacao_Andre_Muceniecks.pdf?sequence=1>, acesso em 23/09/2013; BLOMKVIST, Nils. *The Discovery of The Baltic - The Reception of a Catholic World-system in The European North (ad 1075-1225)*. The Northern World Series, volume 15; Leiden/Boston: Brill Academy Publishers, 2005; entre outros. A primeira universidade escandinava foi a de Uppsala, na Suécia, fundada em 1477. A universidade de Copenhague foi fundada somente no ano de 1479.

representação literária e o ideal comportamental imbuídos na mesma pela Igreja Católica e pela sociedade cortês em ascensão.

Tendo isso em mente, proponho o seguinte questionamento: por que Saxo Grammaticus retrata seus heróis - guerreiros e pagãos - com características do cavaleiro ideal medieval, e com traços do comportamento cortês? Como isso ocorre na *GD*?

Vou demonstrar essas possibilidades através de uma análise bibliográfica dos estudos sobre o reino da Dinamarca no período. Junto a isso, farei uma reflexão sobre as transformações e desenvolvimentos que ocorriam no Ocidente medieval latino, no chamado “longo século XII”. Com essa metodologia, procuro ligar a história dos povos do Norte com a do restante da Europa durante a Idade Média, visto que esta ligação, mesmo que necessitando de ressalvas, é muitas vezes preterida nos estudos escandinavos, mas é essencial para uma compreensão mais profunda da circulação de ideias que ocorria então. Em uma perspectiva comparativa, pretendo ressaltar as similaridades e diferenças entre as duas regiões, analisando a entrada de modelos cristãos literários e administrativos na Dinamarca para, ao final, fazer uma leitura crítica da *GD*, salientando a representação do guerreiro e a forma idealizada de interpretação do mesmo por Saxo Grammaticus.

O estudo será centralizado nos primeiros nove livros da obra, que tratam do período pré-cristão da Dinamarca, passando pelo nascimento de Cristo, pela Era Viking e pelo início da expansão do cristianismo no Norte (outros aspectos particulares da obra serão tratados em capítulo específico). Os outros sete livros serão comentados através de citações de outros autores que os estudaram, pois não tive acesso a traduções completas da *GD* para o inglês. Para este trabalho, foram utilizadas a reedição da primeira versão de Oliver Elton, publicada em 1894, e a versão de Peter Fischer, com comentários de Hilda Ellis Davidson⁴.

Por ter analisado edições da *GD* em inglês, escolhi utilizar a grafia dos nomes próprios dos personagens daneses tal qual aparecem nos livros. Por exemplo, o rei chamado Frotho no original latino será tratado como Frode (em dinamarquês, o nome é Froði); Haddingus como Hadding, Starcathus como Starkad, e assim por diante. Os demais nomes serão escritos em sua grafia na língua portuguesa, como o arcebispo Absalão (que na versão em inglês é Absalon), e o mesmo ocorrerá com a grafia de nomes de lugares – salvo aqueles que não possuem uma tradução direta para o português. Empregarei o mesmo procedimento com alguns termos em dinamarquês ou nórdico antigo, que serão apropriadamente grifados.

⁴ SAXO GRAMMATICUS. *The Danish History*. Tradução de Oliver Elton (publicação original de 1894). Champaign: Lightning Source Inc., s/d; e SAXO GRAMMATICUS. *The History of the Danes, books I-IX*. Tradução de Peter Fischer, com edição e comentário de Hilda Ellis Davidson. Cambridge: Boydell and Brewer Ltd, 1979-1980. Existem outras traduções para o inglês da obra, bem como versões em dinamarquês, francês, espanhol e até japonês. Como mencionado, não tive acesso a nenhuma versão completa nas línguas que domino.

1. Considerações teóricas

Neste capítulo, serão discutidos e analisados alguns conceitos teóricos utilizados para este trabalho. O meu objetivo não é entrar em detalhes acerca dos diversos debates que alguns deles suscitam no meio acadêmico, mas refletir sobre sua aplicação neste estudo, utilizando-os enquanto ferramenta explanatória e de orientação para a temática deste trabalho.

1.1 Ideologia, europeização e expansão europeia

Um dos principais pontos será a expansão das doutrinas da Igreja Católica, no que tange à disciplina e contenção moral da sociedade medieval. Para tanto, usarei o conceito “ideologia”, que possui uma gama de discussões ampla no meio acadêmico⁵. Neste trabalho utilizarei, primeiramente, a conceituação proposta pelo historiador da religião Gro Steinsland. Para ele, a ideologia da Igreja no período medieval vai além da construção de culturas e união das mesmas, pois abarca o uso intencional, por determinados grupos sociais, de mitos, rituais e narrativas, com o objetivo de legitimar certas formas de governo⁶. Da mesma forma, Georges Duby assinala a forte ligação da formação dessa ideologia com o poder. Para o historiador francês, “a ideologia é uma arma, da qual o poder procura servir-se. (...) ela controla os principais ateliês de produção cultural”⁷. Por isso, a história da produção literária medieval – que será discutida brevemente no próximo capítulo – e das ideologias de poder se tornam indissociáveis, na medida em que a literatura – assim como os ideais comportamentais que ela veicula – circula em meio à sociedade mesmo que restritamente, disseminando percepções e valores defendidos pelos grupos no poder: as aristocracias e a Igreja Católica.

Para prosseguir com minha análise, é fundamental diferenciar o processo de expansão da Cristandade medieval do processo de europeização. Semelhantes e concomitantes, no entanto, os dois processos não são iguais, e possuem origens diferentes.

O conceito de europeização deve ser visto, no presente estudo, como um conceito cultural, que inclui a ideologia religiosa advinda de uma área central: a Cristandade latina do Ocidente

⁵ Como por exemplo, os debates propostos em VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985 e DIJK, Teun A. van. *Ideology - a multidisciplinary approach*. Londres: SAGE Publications, 2000; ou, mais especificamente, acerca da ideologia marxista e suas implicações sociais, em CASTORIADIS, Cornelius. *The Imaginary Institution of Society*. Cambridge: Polity Press, 2005.

⁶ STEINSLAND, SIGURÐSSON, et al (ed.). *Ideology and Power in the Viking and Middle Ages - Scandinavia, Iceland, Ireland, Orkney and the Faeroes*. The Northern World Series, volume 52. Leiden/Boston: Brill Academy Publishers, 2011; p. 4.

⁷ DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens – do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; p. 128.

medieval (a teoria de centro e periferia também será discutida a seguir). Nesse conceito, englobam-se os processos de crescimento e transformação no continente que atingiam a população social e culturalmente, abrangendo a circulação de ideias e formas diferenciadas de pensamento, como consequência das práticas reformadoras do papado (a dita “reforma gregoriana”)⁸ entre os séculos XI e XII, das novas estruturas organizacionais dentro da Igreja, da formação de uma sociedade calcada no comportamento cortês, e de uma produção literária que, pouco a pouco, saiu dos pequenos círculos eruditos para atingir as realezas, as camadas aristocráticas, e mesmo os camponeses iletrados.

Em um contexto de mudanças como o do “longo século XII”⁹ – período que compreende aproximadamente os anos 1075 e 1225 – a europeização estendeu-se para regiões onde o cristianismo ou ainda não havia se firmado ou, mesmo com a conversão, não havia se arraigado entre a população. Com ela, além de mudanças na esfera cultural, ocorre a difusão de instituições e funções novas (ou renovadas) do centro cristão - como a reorganização das ordens monásticas e do funcionamento da administração leiga e eclesiástica -, que denotavam a gestão de uma nova política de poder. O processo de europeização foi concomitante a outro processo que já estava em andamento, e que possuía raízes mais profundas: a expansão da Cristandade – a *Christianitas*, advinda da acepção de *civitas Dei* de Santo Agostinho¹⁰.

No subcapítulo a seguir, dissertarei sobre a expansão da Cristandade e sobre o processo de europeização. Citarei algumas características gerais para, no segundo capítulo, tratar com maiores detalhes a Europa medieval e as consequências dos fenômenos mencionados.

⁸ O conceito de “reforma gregoriana”, atualmente, é visto como aberto e flexível, e é passível de relativização. Em alguns trabalhos acadêmicos podem-se ver discussões e críticas sobre o uso do mesmo, que traz em si uma homogeneidade que não é coerente com a existência de conflitos dentro do papado e com a sociedade laica do período. Utilizo aqui, portanto, o termo “práticas reformadoras” para essas políticas da Igreja, ao invés do termo “reforma gregoriana”, que engessa o contexto na figura do papa Gregório VII – pois apesar de ele ter tido papel fundamental no processo, as reformas já ocorriam antes de seu papado e continuaram a ocorrer depois de sua morte, lideradas inclusive por inimigos seus. Para maiores detalhes, ver SILVA, Andréia Frazão & RUST, Leandro. *A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito*. In: Revista História da Historiografia, número 3, Ouro Preto: setembro de 2009; pp. 135-152. Disponível em <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/62/38>>, acesso em 15/12/2013; e BOUCHARD, Constance B. “*Feudalism*”, *Cluny, and the Investiture Controversy*. In: BLANKS, FRASSETTO & LIVINGSTON (ed.). *Medieval monks and their world: ideas and realities*. Leiden/Boston: Brill Academy Publishers, 2006.

⁹ BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 10. É bastante claro que esse período de cerca de dois séculos viu significativas e profundas mudanças acontecerem na Europa medieval. Entretanto, neste estudo, não vou me ater a discussões específicas sobre os prós e os contras de se utilizar a denominação de “longo século XII”, ou sua formulação enquanto conceito. Desta forma, procuro utilizá-lo somente como corte cronológico, que inicia no ano da formulação do *Dictatus Papae* – compilação de 27 declarações que afirmavam a supremacia da Igreja perante os poderes terrenos –, indo até o ano da vitória dos germânicos sobre os pagãos da Livônia, em 1225 – período em que a europeização e o cristianismo já haviam gerado transformações significativas entre os povos do Norte.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 64.

1.2 O modelo de “sistema-mundo católico” de Nils Blomkvist

Valendo-se das reflexões de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein, o medievalista sueco Nils Blomkvist fez uma excelente adaptação do modelo de “sistema-mundo” em sua análise da região do Báltico, no período em estudo. Seu foco fica no já citado “longo século XII”, e nas mudanças políticas, econômicas e tecnológicas no continente europeu que se estendiam para outras regiões do mundo medieval. Explicarei como se dá essa adaptação de Blomkvist, e como pretendo utilizar seu modelo para minha análise da *GD*.

Na interpretação de Blomkvist, esse processo de expansão tem como base o modelo de sistema-mundo, mas não em seu formato original, como pensado por Wallerstein e Braudel¹¹. Ao invés de ter como motor de expansão o capitalismo, o modelo de Blomkvist salienta uma aliança, mesmo que não intencional, entre as atuações conjuntas da *ecclesia* e da *mercatura* – o clero e a camada emergente de comerciantes burgueses –, cujas ambições religiosas, políticas e econômicas difundiram-se por todo o mundo medieval. Um fator que facilitou a ação conjunta da *ecclesia* e da *mercatura* foi a crescente urbanização pela qual passava a Europa, impulsionada pela revitalização comercial e pelo desenvolvimento de novos mercados, e a possibilidade de conversão de mais fieis (e, por que não, do aumento do poder econômico e político da Igreja). Pode-se notar que a expansão da Cristandade se une, assim, ao processo de europeização, pois aspectos culturais, econômicos e sociais passaram a caminhar juntos. Para Georges Duby, a expansão da Cristandade deu uma importância renovada aos bispos e aos monges, em função de seu papel no crescimento do número de escolas teológicas e da difusão do conhecimento propagada por elas¹².

Entretanto, a expansão da Cristandade já havia começado no período carolíngio. A tentativa de organização política iniciada por Carlos Magno, principalmente a administração do governo centrada nas mãos de um grupo de funcionários, pode ser vista como fator de coesão para a unidade do continente cristão, ou o “cimento carolíngio”, como colocado por Duby¹³. Essa expansão também possuiu um forte caráter territorial, pois avançou para além das fronteiras inicialmente incorporadas pelos carolíngios. Durante o século X, os imperadores da dinastia Otoniana, do Sacro Império, também seguiram com essa expansão religiosa e territorial¹⁴.

¹¹ O “sistema-mundo” de Wallerstein pode ser resumido na divisão político-econômica mundial em três partes: o centro – possuidor de recursos econômicos, conhecimentos e maior poder político; a semi-periferia – com um grau relativo de especialização na produção, conhecimentos e hierarquização social; e a periferia – com níveis baixos de conhecimentos e especialização, trabalhos coercitivos e produção em massa de produtos primários. Idem, *ibidem*, p. 53.

¹² DUBY, Georges. *O tempo das catedrais – a arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979; p. 115.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 18.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. Verbete “Centro/periferia”. In: SCHMITT & LE GOFF (Ed.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, volume I. São Paulo: EDUSC, 2002; p. 207.

O aumento da troca de produtos entre regiões diversas e a expansão das rotas comerciais, unidos à ideologia hierarquizante e doutrinária da Igreja, causaram a implementação do que Blomkvist denomina o “sistema-mundo católico”. Neste modelo, o centro – região que une boa parte do território do Sacro Império ao norte e ao centro da península italiana¹⁵ –, após vivenciar mudanças em suas estruturas, criou políticas que abrangiam as esferas cultural, econômica e tecnológica, que atingiram gradativamente as periferias e semi-periferias. A área central, mesmo que heterogênea e politicamente instável durante o “longo século XII”, passou por uma crescente revitalização econômica, como mencionado acima.



Mapa 01: o sistema-mundo católico em c. 1200. In: BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 75.

Como se pode ver no mapa 01, na área central estão incluídas as cidades italianas do norte e a região de Flandres – áreas mais urbanizadas e economicamente prósperas, cujos centros mercantis

¹⁵ BLOMKVIST, *op. cit.*, pp. 74-76.

eram de extrema importância para o comércio medieval –, bem como Roma e as áreas adjacentes – indicando a presença do papado e de seus poderes econômicos e políticos. Juntas, as mudanças ocorridas no centro e as políticas abrangentes que ali surgiram garantiram a retomada da expansão da Cristandade, unida também ao processo de europeização.

Os povos escandinavos e algumas áreas além do Elba, no Sacro Império, podem ser considerados como as semi-periferias, enquanto os povos fino-úgricos e as populações do Báltico oriental representavam uma periferia embrionária. As semi-periferias foram gestadas durante o longo processo de transformação no centro, desde o século IX até o XII, e configuraram-se nos reinos da Dinamarca, Suécia, Sicília, Croácia, Hungria, Polônia, Escócia, Inglaterra, Península Ibérica¹⁶, entre outros.

Durante a Era Viking¹⁷, a região fronteira do Báltico (ou *Baltic Rim*, como chama Blomkvist) possuía uma relativa autonomia cultural, política e econômica. Noruega, Suécia e Dinamarca desenvolveram sistemas governamentais próprios embasados nas lutas dinásticas e no comércio de longa distância nos mares do Norte, possuindo características específicas (e, em certa medida, similares entre si) em suas respectivas organizações sociais e religiosas.

Até a Baixa Idade Média, o sistema governamental e social dos escandinavos permaneceu semelhante a suas raízes tribais germânicas. Entre os escandinavos, o rei era eleito¹⁸ pelo *thing* – uma assembleia na qual os homens livres da região se uniam para tomar decisões políticas, militares e judiciárias. As aristocracias locais – os *jarls*, também chamados de magnatas –, em geral, possuíam mais homens a seu serviço e mais riquezas que o próprio rei. O reino era, portanto, governado por uma aliança entre os magnatas e o monarca. Esse sistema político e social, como se pode perceber, possuía algumas similaridades com as estruturas governamentais europeias da época. Ainda, mesmo possuindo parentesco com as organizações tribais germânicas, os sistemas de governo escandinavos se desenvolveram em ritmos diferenciados, tendo se separado de suas raízes no período inicial das invasões ao Império Romano. Durante o “longo século XII”, eles acabaram

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 83. Nem todos esses reinos permaneceram como semi-periferias durante todo o período. O processo de expansão do cristianismo na Inglaterra e sua consequente integração ao centro haviam iniciado já no século VII, e o reino passou a figurar entre as grandes monarquias cristãs com a restauração empreendida por Henrique II Plantageneta, em 1154. A mesma ressalva deve ser feita em relação aos reinos ibéricos, especialmente a Espanha: após a aceleração do processo de Reconquista, no século XIII, os reinos de Castela e Aragão passaram por uma restauração socioeconômica que gerou a gradual implantação do feudalismo e a hierarquização das camadas senhoriais, culminando também em sua inclusão às grandes monarquias do centro.

¹⁷ A chamada Era Viking ocorreu entre os séculos VIII e XI, período no qual os povos escandinavos, através de expedições marítimas, passaram a invadir o continente europeu, buscando terras colonizáveis e novas rotas mercantis. No terceiro capítulo, tratarei o tema com maiores detalhes, explicando como se deu a influência da expansão da Cristandade e da europeização entre os povos do Norte, e as transformações que ocorreram em função disto.

¹⁸ Normalmente, o rei era sucedido por um de seus filhos, mas isso não era regra: ele apontava um sucessor favorito que nem sempre pertencia à sua prole, o que muitas vezes acarretava, após a sua morte, em confrontos abertos pelo poder e possíveis fugas para outras regiões.

sendo ainda mais influenciados pelos aparatos administrativos das monarquias feudais, que os transformaram lentamente com o processo de europeização e com a expansão da ideologia da Cristandade.

A partir do século X, o cristianismo passou a se expandir entre os povos nórdicos e, unido ao processo de europeização, iniciou uma progressiva mudança nas estruturas religiosa, cultural e governamental escandinavas, calcada nas transformações pelas quais passava a sociedade do continente. Na Escandinávia, as primeiras missões religiosas foram feitas já no século IX. Mesmo tendo sido abandonadas, elas deixam entrever o início, mesmo que tímido, dos interesses políticos e ideológicos da Igreja na conversão dos povos do Norte¹⁹. Para Jacques Le Goff, “a expansão medieval, mesmo que tenha objetivos demográficos, econômicos e políticos, quase sempre tem, de início, objetivos religiosos: a conversão dos pagãos”²⁰.

Ainda para Le Goff, a expansão da Cristandade deve ser vista sob duas perspectivas diferenciadas. Num primeiro momento, entre os séculos V e X, ocorreram movimentos centrípetos, pois as periferias e semi-periferias – as tribos bárbaras e pagãs – migraram para o centro. Num segundo momento, que é o processo em análise, ocorreu um movimento centrífugo, de expansão do centro para as periferias e semi-periferias²¹.

No modelo centro/periferia de Fernand Braudel, fica clara a interdependência entre a *longue durée*, *conjuncture* e *événement* - conceitos que indicam as mudanças cíclicas e flutuantes na Europa, ligadas às transformações nas conjunturas da mesma - aplicados na formação da história do Mediterrâneo. Blomkvist mostra como esse fenômeno na região do Báltico passou por um processo ligeiramente diferenciado²², que ele denominou (utilizando um “termo braudeliano”) *change qualitative*, ou mudança qualitativa. Ela se manifestou, no período em análise, nas novas tecnologias de guerra – utilização de metais mais resistentes na fabricação de armas –; em maneiras diferentes de organização dos poderes políticos – como as estruturas administrativas de origem carolíngia anteriormente citadas –; e em novas tecnologias agrícolas – como a difusão do uso do ferro ao invés da madeira na fabricação do arado. Blomkvist analisa essas mudanças correntes na Europa sob a perspectiva do crescimento de uma civilização, que seria a Cristandade medieval latina. O processo de transformações de uma civilização emergente, equacionado às mudanças qualitativas, une-se também a certos aumentos quantitativos, como o crescimento demográfico, o plantio de produtos agrícolas em maior escala, e a difusão do conhecimento. Portanto, “tal mudança ocorreria quando um campo de ação se desenvolvesse significativamente, e de uma maneira

¹⁹ BLOMKVIST, *op.cit.*, p. 44.

²⁰ LE GOFF, *op. cit.*, p. 208.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 202.

²² BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 49.

sinérgica, ‘fertilizasse’ a sociedade como um todo, até sua entrada em uma nova era. É, portanto, uma rara ocorrência na História”²³.

A europeização dos povos da periferia e semi-periferia significou, entre outros fenômenos, a entrada de novos conhecimentos e novas técnicas. Ao mesmo tempo, a expansão da Cristandade e de características administrativas da Europa medieval passou, a princípio de forma sutil, a influenciar o funcionamento dos poderes reais escandinavos.

1.3 As reações ao avanço do centro

O sistema-mundo é um modelo que envolve ações do centro e possíveis reações por parte das periferias e semi-periferias. No sistema-mundo católico de Blomkvist, as mudanças e ideias novas eram levadas às periferias e semi-periferias por agentes de europeização. Estes eram oriundos do centro ou das próprias periferias, tendo vivido durante um período significativo na área central, podendo ser aristocratas²⁴ e mesmo camponeses. Mas, em concordância com as afirmações do historiador sueco, Le Goff ressalta que os principais agentes de europeização foram os clérigos, seculares e regulares - os bispos e arcebispos das dioceses periféricas e as ordens monásticas - e os mercadores, que circulavam cada vez mais em vista do aumento de trocas comerciais e culturais²⁵. Um exemplo da atuação dos monges foi a Ordem de Cluny, fundada ainda no século X – o aumento gradativo de mosteiros da ordem em várias áreas do mundo medieval fez com que os monges cluniacenses, livres de interferências seculares e respondendo somente à Santa Sé²⁶, se transformassem em importantes agentes de europeização, ao mesmo tempo em que também eram instrumentos da expansão da Cristandade. Outro exemplo que engloba o caráter religioso com a função militar foi a fundação da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, em c. 1190, responsável pela proteção de cristãos em peregrinação. Em relação ao comércio, pode-se citar a fundação da liga Hanseática, já no século XIII – uma próspera guilda centrada no norte do Sacro Império, que fomentava o comércio de longa distância e protegia a camada de mercadores. Nota-se aqui, novamente, a importância da atuação conjunta da *ecclesia* e da *mercatura* no processo de europeização e de expansão da Cristandade.

O encontro entre agentes de europeização e os habitantes das áreas periféricas e semi-periféricas poderia ocasionar dilemas internos entre os últimos, visto que estes, em geral, percebiam

²³ “Such change would occur when some field of activity developed significantly, and in a synergic way ‘fertilized’ society as a whole, until it entered a new era. It is thus a rare occurrence in history”. Idem, *ibidem*, idem.

²⁴ Segundo Blomkvist, uma reação à europeização seria a transformação dos líderes nativos em agentes, podendo assim moldá-la e aplicá-la à sua maneira e mesclar sua cultura com elementos do centro. Idem, *ibidem*, pp. 97-98.

²⁵ LE GOFF, *op. cit.*, pp. 209-210.

²⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média – Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001; p. 98.

as diferenças profundas de suas organizações tradicionais em relação às inovações vindas da área central, caracterizadas por um novo sistema político, cultural e religioso. É evidente que esse processo foi diferente nas áreas diversas da semi-periferia, de acordo com o desenvolvimento político e social de cada uma delas. Mas, em comum, resistências à expansão e à europeização ou, em contrapartida, simbioses e trocas entre os sistemas velho e novo são perceptíveis de maneira geral²⁷; bem como a ocorrência de movimentos de nativismo, milenarismo, ou de revitalização das culturas nativas²⁸. Pode-se afirmar que esse processo, em última instância, engendrou as raízes da Europa moderna, criando diversidades e desigualdades em meio a uma identidade cultural mais ampla e aceita por (quase) todos.

Duby vê nisso uma progressiva mudança de valores, na qual a resistência dos povos semi-periféricos podia se dar em graus maiores ou menores. Para o historiador,

“Uma cultura pode, num certo momento de sua evolução, encontrar-se dominada, invadida, penetrada por uma cultura exterior, seja pelo efeito de traumatismos de origem política, tais como a invasão ou a colonização, seja pela ação de infiltrações insidiosas, pela incidência de mecanismos de fascinação ou de conversão, eles próprios consecutivos ao desigual vigor, ao desigual desenvolvimento, à desigual sedução das civilizações afrontadas. Mas, mesmo nesse caso, as modificações parecem sempre lentas e parciais. As culturas, por mais atrasadas que sejam, se mostram rebeldes à agressão e opõem geralmente à irrupção de elementos alógenos resistências duradouramente eficazes.”²⁹

No mesmo viés, Blomkvist faz uso das teorias de Pierre Bourdieu, mais especificamente acerca do capital cultural de um povo e das “estratégias de sobrevivência” para compreender as reações à expansão centro/periferias ou semi-periferias. Como mencionado, essas reações foram o nativismo, o milenarismo e a revitalização de culturas locais. É nesse último ponto que focarei minha análise, pois envolve a busca pelo passado de um povo e a construção (ou revitalização) de uma identidade cultural, frente aos avanços das ideologias do centro católico.

Ao buscar a exaltação de sua cultura nativa diante de avanços externos possivelmente dominadores, um povo – ou as pessoas ligadas ao conhecimento e à produção do mesmo – busca a

²⁷ Em algumas escavações arqueológicas na Dinamarca, foram encontradas cruces junto a amuletos do deus Thor, datados no século XI. Existem ainda diversos monumentos em pedra com imagens cristãs que terminam, muitas vezes, com invocações ao mesmo deus em inscrições rúnicas, ou ainda apresentam desenhos de dragões e serpentes, animais que fazem parte da cosmologia nórdica. Ambos os fatos indicam possíveis simbioses entre a religião politeísta nórdica e a expansão do cristianismo. GELTING, Michael H. *The kingdom of Denmark*. In: BEREND, Nora (ed.). *Christianization and the rise of Christian Monarchy – Scandinavia, Central Europe and Rus’ c. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; p. 85.

²⁸ Movimentos que não ocorreram somente nas periferias e semi-periferias, mas também em várias regiões do próprio centro medieval. BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 58.

²⁹ DUBY, 1989, p. 131.

construção do que se pode denominar uma “história nacional”³⁰, na qual os valores identitários de sua cultura nativa e as tradições orais dão as bases para uma ancestralidade remota. Faz parte dessa busca também a exaltação de heróis míticos nativos, bem como a tentativa de manter uma linearidade dinástica que legitime as famílias poderosas e/ou realeza que estejam no poder no momento de sua criação. O surgimento de uma literatura que abarque todos esses preceitos é vista em diversas áreas das semi-periferias e mesmo no próprio centro; literatura esta que será discutida no capítulo a seguir. Mas, nesse momento, me atenho a ressaltar que esse fenômeno indica uma estratégia de “olhar para trás”, na afirmação de Blomkvist, na busca de uma orientação, no passado nativo, em face a um mundo em mudança³¹. Como já afirmado, as reações das sociedades das periferias e semi-periferias se deram de formas diferenciadas. No caso de povos mais desenvolvidos e organizados, como a Dinamarca,

“(…) a reação provavelmente seria um fortalecimento de sua organização política em combinação com esforços para a construção da nação. (...) Essas reações deveriam, portanto, ser vistas não fundamentalmente como adaptações à ação da área central, mas como estratégias de sobrevivência, oferecendo gradualmente uma resistência mais forte e inflexível”³².

No terceiro capítulo deste trabalho, analisarei as transformações e os impactos da europeização e da expansão da Cristandade no reino da Dinamarca, bem como as consequências ocasionadas por ambos os fenômenos. A seguir, farei uma reflexão, em linhas gerais, sobre as mudanças no continente europeu medieval.

2. Mudanças no centro católico

Neste capítulo, pretendo retomar as transformações pelas quais passava a Europa medieval sem o uso de fontes primárias, utilizando uma análise bibliográfica para manter o foco em

³⁰ A aplicação dos conceitos de nação e de nacionalismo no final da Idade Média é polêmica no meio acadêmico, e é motivo de controvérsias entre os estudiosos, sendo discutível e também passível de relativização. Por questões de espaço e para não sair do tema proposto, utilizo termos relacionados a esses conceitos grifados. Procuo enfatizar, com isso, a presença de valores tradicionais e da revitalização de culturas nativas como um indicador da construção de identidades locais, mesmo que isto não indique, necessariamente, a construção de um ideal nacional e patriótico, no sentido moderno dos termos. Existem autores, no entanto, que não veem problema em identificar o surgimento de um protonacionalismo ainda neste período da Idade Média, como por exemplo, Herbert Grundmann que, ao referir-se às *Crônicas da Boêmia*, de 1120, e ao próprio Saxo Grammaticus, utiliza o termo “nationalbewusst” (“consciência nacional”). GRUNDMANN, Herbert. *Geschichtsschreibung im Mittelalter (Escrita da História na Idade Média)*. Göttingen: Editora Vandenhoeck & Ruprecht, 1987; pp. 15-16.

³¹ “(...) a strategy of looking backwards for guidance in a world threatened by change”. BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 162.

³² “(...) the reaction would probably be further strengthening of their polity organisation in combination with nation-building efforts. (...) These reactions should thus be seen not primarily as adaptations to core area action, but rather as survival strategies offering gradually more harsh and uncompromising resistance.” Idem, *ibidem*, p. 61.

mudanças culturais mais gerais e separando minha análise em dois momentos. O corte cronológico que utilizo aqui ultrapassa minha escolha inicial, mas por um motivo importante: é preciso abarcar, mesmo que de forma breve, os principais desenvolvimentos ocorridos antes e durante o “longo século XII” no continente cristão, para que, ao final, eles possam ser ligados às mudanças na semi-periferia dinamarquesa.

Em um primeiro período, em meio às ruínas do Império Carolíngio, algumas regiões da Europa passaram por um processo de descentralização política – e os diversos reinos e monarquias desenvolveram-se com características próprias, em acordo com a natureza de seus sistemas político-econômico e social. As áreas cujos sistemas sintetizavam melhor a herança romana com elementos tribais germânicos desenvolveram mais rapidamente sua economia interna, engendrando o aumento da produção de alimentos e, como consequência, impulsionando o crescimento demográfico (vide tabela 01) – fatores que foram auxiliados pela aceleração, no século X, do progresso de técnicas agrícolas, que se propagaram dos grandes domínios monásticos indo para as terras camponesas.

Países/ Anos	200	400	600	800	1000	1100	1200	1300	1400	1500
Alemanha	3,5	3,5	3,0	3,25	3,5	4,0	6,0	9,0	6,5	9,0
Bélgica e Luxemburgo	0,4	0,3	0,3	0,3	0,4	0,6	0,9	1,25	0,8	1,25
Espanha	5,0	4,5	3,5	3,75	4,0	4,5	5,5	7,5	5,5	6,5
França	6,5	5,0	4,5	5,0	6,5	7,75	10,5	16,0	11,0	15,0
Países Baixos	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,4	0,6	0,8	0,6	0,9
Inglaterra e Gales	0,7	0,8	0,6	0,8	1,5	1,75	2,5	3,75	2,5	3,75
Itália	7,0	5,0	3,5	4,0	5,0	5,75	7,25	10,0	7,0	10,0
Portugal	0,5	0,5	0,4	0,4	0,6	0,7	0,9	1,25	0,9	1,25
Suíça	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,4	0,5	0,8	0,6	0,8
Totais	24,1	20,1	16,3	18,0	22,1	25,85	34,65	50,35	35,4	48,45

Tabela 01: evolução demográfica da Cristandade ocidental, segundo fronteiras atuais, em milhões de habitantes. In: FRANCO JÚNIOR, *op. cit.*, pp. 23-24.

Em outras regiões – como na Inglaterra e no Sacro Império –, os elementos institucionais romanos eram menos salientes, ao passo que as características tribais germânicas eram dominantes. Nessas regiões, as camadas aristocráticas rurais bem estabelecidas mantiveram os poderes políticos fragmentados por um período mais longo, o que ocasionou processos diferenciados na formação das monarquias e dos sistemas socioeconômicos locais³³.

³³ ANDERSON, *op. cit.*, pp. 155-172.

Em contrapartida, a Igreja Católica se fortaleceu, buscando autonomia frente aos poderes temporais com os quais, até então, dividia o controle da sociedade. De acordo com Constance Bouchard, a hierarquização política da sociedade medieval, iniciada no século XI, foi na verdade fomentada pelas políticas papais, que saíram da Cúria para tomarem forma na organização das ordens monásticas e das esferas seculares de poder³⁴. As reformas da Igreja, ocorridas entre os séculos XI e XII, tiveram papel importante nas transformações sociais do período, e foram resultado da emancipação do papado frente aos poderes terrenos que se erguiam³⁵. Ao mesmo tempo, os historiadores brasileiros Andreia Frazão da Silva e Leandro Rust salientam que as práticas reformadoras foram resultado de um processo “coextensivo a todo tecido social”, embasadas nas mudanças já mencionadas pelas quais passava a sociedade medieval, isto é, o uso mais extensivo de áreas agrícolas, a maior produção de alimentos e o consequente aumento demográfico:

“As práticas reformadoras não emanavam de bispos de sólida bagagem intelectual, das lideranças de grandes estabelecimentos monásticos ou, finalmente, dos papas; os “reformadores” do pós-ano Mil respondiam a demandas generalizadas provenientes de uma “base social” em rápida transformação.”³⁶

A Igreja desenvolveu, com isso, um aparato hierárquico de abrangência internacional, que foi adaptado pelos poderes seculares – que também possuíam interesses em se manter no poder através dessas políticas –, e que influenciou a cultura e a sociedade. Blomkvist ressalta também a fundação de maior número de bispados e arcebispados, bem como o fato de que os clérigos com funções administrativas vinham, geralmente, de famílias aristocráticas, capazes de custear seus estudos no exterior. A fundação de novos segmentos do clero regular – as ordens monásticas de Cluny e depois a de Cister, as ordens mendicantes e as militares³⁷ – auxiliou na organização deste aparato, permitindo a aplicação da ideologia da Igreja, que buscava separar mais claramente os poderes espirituais dos terrenos. Também fez com que, em alguns casos, membros do clero regular passassem a responder somente à Cúria, ao passo que, especialmente nas áreas mais urbanizadas, a arquitetura em estilo gótico dava um tom simbólico na construção das igrejas³⁸. Posteriormente, o estímulo e o apoio da Igreja também intensificaram a emergência das monarquias feudais, como se verá a seguir.

³⁴ BOUCHARD, *op. cit.*, p. 81.

³⁵ SILVA & LUST, *op. cit.*, p. 141.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 143.

³⁷ DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002; pp. 10-11.

³⁸ BLOMKVIST, *op. cit.*, pp. 90-92. Em *O tempo das catedrais*, Georges Duby faz uma análise mais extensa e detalhada da construção das catedrais nos centros urbanos, atrelada às mesmas transformações sociais e econômicas em estudo.

Segundo Duby, é sobre esse crescimento rural que se assentam todos os progressos culturais do século XI e, da mesma maneira, ele engendra a formação a sociedade dita feudal³⁹:

“Só esta disposição muito hierarquizada das relações sociais, os poderes dos senhores, a força da aristocracia, podem explicar que o crescimento extremamente lento de estruturas materiais tão primitivas tenha podido suscitar tão depressa os fenômenos de expansão que vemos multiplicarem-se no último quartel do século XI, o despertar do comércio de luxo, os arremetimentos de conquistas que lançam aos quatro cantos do mundo os guerreiros do Ocidente, o renascimento, enfim, da alta cultura”⁴⁰.

O medievalista francês analisa esse processo partindo de exemplos de seu país, mas creio ser possível perceber a difusão de algumas dessas mudanças, mesmo que de forma um pouco diferenciada e em graus maiores ou menores, por toda a Europa medieval. Seria necessária uma análise tópico por tópico para dar exemplos, mas cito, quanto aos arremetimentos de conquistas, as cruzadas setentrionais contra os eslavos e o papel da Dinamarca nesse processo. Também vale mencionar a própria escrita da *GD*, que representa o renascimento da alta cultura – fatores que serão analisados mais adiante.

2.1 1075 a 1225 – o “longo século XII”

Em um segundo momento – e apoiando-se no crescimento populacional, na urbanização e no aumento da circulação monetária –, algumas monarquias feudais⁴¹ se ergueram gradativamente: as cortes reais tomaram forma e aumentaram sua estabilidade política com uma administração mais organizada. Do século XI em diante, a expansão do cristianismo se intensificou, e as reformas na Igreja seguiram seu curso com a ação conjunta do papa, dos monges cluniacenses e do colégio de cardeais em Roma, difundindo a separação de poderes terrenos e espirituais. As primeiras universidades surgiram, lançando um novo olhar sobre o ensino e a teologia, retomando em maior escala os autores da Antiguidade e reinterpretando o direito romano. Ao mesmo tempo e como consequência deste último fator, a produção de conhecimento deixou de ser restrita ao pequeno círculo de letrados, em sua maioria clérigos, para imbricar-se em meio à aristocracia e às elites urbanas enriquecidas⁴². As novas tendências da sociedade medieval, embasadas na ideologia da

³⁹ DUBY, 1979, pp. 15-16.

⁴⁰ Idem, *ibidem.*, p. 16.

⁴¹ É preciso ter em mente, no entanto, que essa estabilização não ocorreu da mesma forma em todos os reinos europeus. Um exemplo significativo dessa diferença é o Sacro Império, que continuou imerso em guerras civis durante os séculos XII e XIII, envolto ainda no conflito da Querela das Investiduras, que opunha o poder papal e o imperial desde o século XI.

⁴² BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 46.

Igreja, unem-se, assim, ao surgimento de um ideal de comportamento próprio às camadas aristocráticas, o qual as elites burguesas em ascensão e a nova nobreza de toga procuraram imitar.

Mencionei, no capítulo anterior, que alguns reinos medievais obtiveram maior sucesso na reorganização dos poderes políticos e na reformulação dos aparatos governamentais – utilizando estratégias que já haviam sido buscadas pelos carolíngios. Junto a elas, a renovação do sistema de ensino e o interesse renovado que a aristocracia leiga colocava sobre as letras (impulsionado, na maioria das vezes, pelo patronato de grandes senhores) fizeram com “que se multiplicassem”, nas palavras de Duby, “os postos que garantiam a homens que qualificarei como ‘intelectuais’ os meios de trabalhar e de difundir, em torno deles, a cultura (...) todos os clérigos que encontravam um emprego, permanente ou temporário, nas domesticidades senhoriais”⁴³. Os aparatos administrativos dos senhorios e das próprias cortes reais admitiam funcionários com formação religiosa e intelectuais em número cada vez maior⁴⁴. Sarah Kay vê nesse processo, especialmente após o século XII, uma convergência de interesses: enquanto aqueles funcionários a serviço da realeza (os “legistas” do rei) ensinavam, entre outras funções, as letras à aristocracia, esta última, afastando-se lentamente da administração, permitia que aqueles mesmos funcionários a assumissem, “laicizando” em parte suas funções⁴⁵. Ainda, para esta autora,

“O início do século XII viu o que foi descrito como uma ‘revolução gerencial’, pela qual a complexidade da administração das casas aristocráticas (a base para a ‘corte’) cresceu enormemente. Tornou-se uma prática padrão que as cortes adotassem o modelo imperial de dois departamentos: um departamento laico, cujos principais funcionários eram o camareiro, o senescal, o condestável, o mordomo, os cavaleiros da casa e outros funcionários menores; e o clerical, encabeçado por um ou mais capelães, com um time de funcionários subordinados. Por ‘funcionários’ se quer dizer indivíduos de ordens religiosas; estes eram exclusivamente homens que haviam obtido certo nível de educação, mas não eram necessariamente ‘clérigos’ em um sentido moderno. Os funcionários admitidos nos três graus das maiores ordenações – padres, diáconos e subdiáconos – eram comprometidos com o princípio do celibato. Depois, havia os funcionários de ordens menores, que eram homens educados e adequados para tarefas administrativas e diplomáticas: escrever cartas, ler em voz alta ou manter registros.”⁴⁶

⁴³ DUBY, 1989, p. 152.

⁴⁴ BOUCHARD, *op. cit.*, p. 90.

⁴⁵ KAY, Sarah. *Courts, clerks and courtly love*. In: KRUEGER, Roberta L. (Ed.). *The Cambridge Companion to Medieval Romance*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000; p. 86.

⁴⁶ “The early twelfth century saw what has been described as a ‘managerial revolution’ whereby the administration of aristocratic households (the basis of the ‘court’) grew enormously more complex. It became standard practice for courts to adopt the imperial model of two departments: a lay department whose principal officers were the chamberlain, seneschal, constable, butler, household knights and other minor functionaries; and a clerical one, headed by one or more chaplains, with a team of subordinate clerks. By ‘clerks’ is meant individuals in holy orders; these were exclusively men who had attained some level of education, but were not necessarily ‘clergy’ in the modern sense. Clerks admitted to the three degrees of major orders – priests, deacons, and subdeacons – were committed in principle to celibacy. Then

Portanto, a nova organização da corte e o surgimento de novos postos e funções andavam lado a lado com o desenvolvimento cultural. Saliento aqui que esse processo não foi simples. O equilíbrio entre as formas de discurso laico e clerical foi instável e, com certa frequência, gerou conflitos entre aristocracia e clero.

De acordo com Jean Flori, ainda no século XI, os nobres passaram a ter maior controle sobre os assuntos bélicos e sobre a cavalaria⁴⁷. Antes com uma conotação mais ocupacional, a cavalaria começou a possuir um sentido social, especialmente pelo fato de a Igreja, desde o século anterior, recrutar homens de armas para a defesa de seus bens⁴⁸, em meio ao enfraquecimento do poder central carolíngio. Este foi outro processo que não se deu de forma simples. Ocasinou diversas tensões entre a nova nobreza de toga – indivíduos enriquecidos, geralmente dos meios letrados urbanos, que recebiam títulos e terras – e a velha nobreza que, mesmo mantendo seu status dentro das cortes, perdia vagarosamente poderes políticos que até então lhes eram tão caros.

Nesse mesmo período, portanto, o prestígio social do cavaleiro aumentou, enquanto a própria cavalaria se “fundiu” à nobreza⁴⁹. O “ser guerreiro” deixou de ser somente uma função, adquirindo status mais elevado e ligando-se mais fortemente às camadas dominantes. Da mesma maneira, a cavalaria firmou uma ética própria baseada em um código de conduta, no qual se incluem o culto da coragem e do heroísmo, o ato de poupar o homem desarmado ou caído, o respeito à palavra dada e o zelo pela reputação, que deveria ser ampliada pela bravura e pela generosidade⁵⁰. Ainda, nas palavras de Barthelémy:

“A partir da metade do século XI, nas cortes e nas hostes de príncipes regionais, desenvolvem-se as práticas Cavaleirescas clássicas: o adubamento, a proeza, os belos gestos e os jogos. Tudo o que é necessário para atenuar a dureza de suas guerras sem colocar em questão o ideal guerreiro reforçando sua ascendência moral e política, e mesmo jurídica, sobre o resto da nobreza.”⁵¹

A Igreja também desempenhou um importante papel nessa transformação, limitando as práticas guerreiras com a “paz de Deus” e depois a “trégua de Deus”. Assim, buscava disciplinar, regradar e limitar o derramamento de sangue, influenciando o código de conduta da cavalaria. Da mesma forma, o ritual de adubamento do guerreiro e os símbolos que o cercavam passaram

there were clerks in minor orders, who were educated men fitted to administrative or diplomatic tasks: writing letters, reading aloud, or keeping records.” Idem, *ibidem*, pp. 85-86.

⁴⁷ FLORI, Jean. Verbete “Cavalaria”. In: SCHMITT & LE GOFF (Ed.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, volume I. São Paulo: EDUSC, 2002; p. 189.

⁴⁸ BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 219.

⁴⁹ FLORI, *op. cit.*, p.190.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 196.

⁵¹ BARTHÉLEMY, *op. cit.*, p. 205.

gradativamente a ter mais elementos cristãos⁵². Essa relação entre a esfera guerreira da sociedade e a Igreja culminou na sacralização da cavalaria, caráter que se tornaria mais visível a partir do século XIII. Para Duby,

“Na medida mesmo em que a cavalaria se sacralizou, adquiriu o aspecto de uma ‘ordem’ da qual um ‘sacramento’, a sagração, abria a porta, todos os adultos da casta militar se sentiram chamados a não mais apenas dar provas de valentia física, mas também a cultivar a virtude da *prudentia*, a não mais se conduzirem apenas como probos, mas como ‘prud’hommes’, a participarem de alguma maneira, como os príncipes, como os reis, da alta cultura, a promoverem-na com generosidade”⁵³.

Na mesma época, a Europa medieval passou por um período de renovação da produção literária. Em meio a ela, surgiu a literatura cavaleiresca – cujas temáticas possuíam origens mais remotas, oriundas do folclore pagão e oral do medievo. Essa literatura acabou por modificar ainda mais a imagem do cavaleiro, humanizando a guerra e auxiliando a difusão da ideologia da Igreja, e dando origem a um novo ideal de comportamento e de cultura aristocráticos. A entrada de intelectuais no ambiente administrativo real trouxe os conhecimentos clássicos e a produção literária para as elites, e refletiu tanto os anseios da nobreza quanto as doutrinas da Igreja. Englobando tanto comportamento quanto literatura, essa cultura, que se originou nas cortes europeias (e que, de acordo com Duby, “foram o centro de seu enriquecimento e de sua difusão”⁵⁴), foi chamada de cortês.

No próximo capítulo, analisarei o desenvolvimento da literatura cavaleiresca e da cultura cortês, bem como o ideal de comportamento propagado por ambas.

2.2 A literatura cavaleiresca e o comportamento cortês

Depois do século XI, o ainda diminuto círculo de intelectuais da Europa medieval engendrou o início de uma vasta produção literária, que culminaria, nos séculos seguintes, em diversos gêneros e subgêneros largamente estudados até os dias atuais. Esse período de “renascimento” – como foi chamado tal *boom* literário e cultural – teve, como uma de suas condições, o redescobrimento, por parte dos literatos, das obras da Antiguidade Clássica, e é vista por muitos pesquisadores como um verdadeiro prelúdio ao Renascimento italiano do final da Idade Média. Atenção especial era dada a Platão, Aristóteles, Cícero, Ovídio, Virgílio, entre outros; e o direito romano figurava como tema de

⁵² Idem, *ibidem*, p. 297.

⁵³ DUBY, 1989, pp. 151-152.

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 155.

debates e estudos dentro das escolas de teologia. O redescobrimto desses clássicos foi auxiliado pelas traduções em grego encontradas entre os eruditos árabes, vindas da Península Ibérica em meio à Reconquista, e das rotas comerciais que se expandiam em direção ao Oriente.

A tradição deste século originou o ciclo arturiano, os romances de aventura, as canções de gesta, a poesia trovadoresca, entre tantos outros; e nela, a imagem da cavalaria passou por uma transformação sem precedentes⁵⁵. Como mencionado anteriormente, Duby liga essa literatura às mudanças de valores relacionadas com o ensino: as escolas de teologia se disseminavam, dando uma importância renovada ao clero enquanto mestres, cujo papel foi decisivo para o desenvolvimento e difusão desse renascimento⁵⁶. Da mesma forma, a aristocracia leiga, como colocado por Kay, se interessava mais pelas letras e pela erudição. Os poetas que escreviam e os patronos que encomendavam as obras eram, em sua maioria, membros da própria aristocracia. Assim, destinada às elites letradas, a produção literária desse momento assinalava o seu distanciamento frente a outras camadas sociais, tentando revitalizar sua imagem em meio à emergência das elites burguesas urbanas.

A literatura cavaleiresca – parte importante da produção literária desse renascimento – iniciou na França do século XII, e logo se difundiu para outros reinos, mesmo fora do centro católico. Como já mencionei acima, esta literatura - assim como a ideologia da Igreja - intensificou a transformação da imagem do cavaleiro, imbuindo nele uma aura mística e traços dos heróis da Antiguidade, exaltando suas glórias e façanhas. De acordo com Barthelémy, a cavalaria arturiana:

“(…) coabita com outras duas grandes ficções: a Cavalaria (ou ‘vassalagem’) vingativa das canções de gesta, e a Cavalaria (muito mais a ‘mílicia’) romana e disciplinada da qual os clérigos de corte querem o renascimento e louvam os méritos exemplares. Ambas são mais sanguinárias que a arturiana e, em certo sentido, inclusive, mais cristãs. E, ainda que elas tenham raízes mais antigas, sua grande ascensão é absolutamente contemporânea à arturiana.”⁵⁷

A ficção cavaleiresca pode ser vista como um reflexo distante das circunstâncias, onde as fantasias e sonhos da aristocracia – ansiosa por se diferenciar de outras camadas sociais – foram cuidadosamente moldados pelos intelectuais da corte, ao mesmo tempo em que era imbuída de um discurso disciplinatório e didático, e envernizada com ensinamentos e condutas cristãs⁵⁸.

Esse ideal de comportamento difundido pela literatura cavaleiresca foi a cortesia. Em linhas gerais, nas palavras de Jean Frappier, a cortesia:

⁵⁵ BARTHELÉMY, *op. cit.*, p. 359.

⁵⁶ DUBY, 1989, p. 152.

⁵⁷ BARTHELÉMY, *op. cit.*, p. 459.

⁵⁸ KAY, *op. cit.*, p. 48.

“(…) é o ideal de comportamento aristocrático, uma arte de viver que implica a polidez, refinamento de costumes, elegância, e ainda, além dessas qualidades puramente sociais, o sentido de honra cavaleiresca”.⁵⁹

Percebe-se, portanto, a fusão entre a honra da cavalaria, agora indicando também um status social elevado, com o comportamento cortês e aristocrático, servindo para manter a imagem gloriosa da nobreza. A literatura cavaleiresca e cortês torna-se, assim, o “instrumento de uma hábil pedagogia”⁶⁰, regulando a conduta moral da sociedade. O termo “cortesia” em si passou por uma transformação. Marlen Ferrer, estudando esta forma de comportamento, complementa a análise anterior, explicando essa mudança:

“(…) ‘cortesia’(*cortoise*) foi usado cada vez mais para descrever características tais como eloquência, generosidade, nobreza, boas maneiras e assim por diante. As fontes medievais tendem a avaliar ‘cortesia’ enquanto oposto de ‘vilania’. Originalmente, ‘vilão’ significava simplesmente um camponês, mas do século XII em diante significou ser vulgar, maldoso ou feio. Com isso, (...) é uma maneira que serve para distinguir a aristocracia das pessoas comuns. Então a cortesia pode ser vista como uma estratégia para distinguir a aristocracia não somente através do capital econômico e militar, mas também através do capital cultural e simbólico”.⁶¹

Enquanto capital simbólico e cultural das elites do centro católico, a literatura cavaleiresca e as ideias de comportamento cortês se expandiram junto à Cristandade e ao processo cultural de europeização nas periferias e semi-periferias. No próximo capítulo, dissertarei sobre o reino da Dinamarca para, mais adiante, explicar como essa expansão atingiu os povos escandinavos, modificando as estruturas administrativas e governamentais e impulsionando o surgimento de uma literatura nativa.

⁵⁹ FRAPPIER, Jean. *Vues sur les conceptions courtoises dans les literatures d'oc et d'oïl au XIIe siècle*. In: FRAPPIER, J. *Cahiers de civilisation médiévale*. Poitiers, 1959; p. 135; apud: RÉGINE-BOHLER, Danielle. Verbete “Amor cortês”. In: SCHMITT & LE GOFF (Ed.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, volume I. São Paulo: EDUSC, 2002; p. 48.

⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 58.

⁶¹ “(...) ‘*cortoisie*’ was used increasingly to describe characteristics such as eloquence, generosity, nobility, good manners and so on. Medieval sources tend to evaluate ‘*courtoisie*’ as being opposed to ‘villain’. Originally, ‘villain’ simply meant a peasant, but from the 12th century it signified being vulgar, mean and ugly. Therefore, this is the first and most important aspect in explaining what courtly culture really is: it is a manner that serves to distinguish the aristocracy from the common people. Then courtliness can be seen as a strategy to distinguish the aristocracy not only through economic and military capital, but also through cultural and symbolic capital”. FERRER, Marlen. *State formation and courtly culture in the Scandinavian Kingdoms in the High Middle Ages*. *Scandinavian Journal of History*, volume 37, número 1, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03468755.2011.640174#.UnuFQScgnlw>>; acesso em 29/09/2013; p. 1.

3. A Dinamarca – de reino viking semi-periférico a monarquia cristã

No panorama sobre a Dinamarca que farei a seguir – que cobrirá os acontecimentos políticos no reino desde o auge da Era Viking até a época de escrita da *GD* – não farei uma listagem completa de todos os líderes políticos que a governaram, por questões de espaço. Pretendo enfatizar os reis cujos governos tiveram maior impacto, demonstrando, através do aporte teórico da relação entre o centro e a semi-periferia, como esses líderes, aos poucos, incluíram modelos de administração e características da cultura do centro cristão, culminando na integração completa da Dinamarca à Europa medieval.

Os historiadores e filólogos que lidam com a Escandinávia medieval já deram diversas explicações para a origem do termo “viking”. Ele pode ter surgido entre os anglo-saxões que sofriam ataques dos nórdicos, derivando da palavra *wic*, que significa “o povo do acampamento”. Em contrapartida, alguns acadêmicos afirmam que o termo realmente surgiu na Escandinávia – derivando ou da palavra *víg* (batalha) ou de *vík* (baía, enseada)⁶², originando assim o termo *víkingr*. De acordo com Muceniecks:

“A designação mais comum encontrada nas fontes dos séculos XII-XIII para *víkingr* associa o termo a um tipo de *ocupação*, no sentido de *profissão*. (...) Desta forma, *víkingr* é aquele que frequenta as baías, que navega. Aquele que pratica expedições de navegação, de comércio ou saque”⁶³.

O termo, portanto, deve ser entendido como um conceito ocupacional, e o viking pode ser visto, grosso modo, como um “pirata”. Com isso, “viking” deixa de possuir a conotação, muitas vezes equivocada, de etnia – pois também era empregado para designar povos não escandinavos que praticavam expedições marítimas e pilhagens⁶⁴.

As razões que motivaram a expansão viking e seus ataques ao centro cristão também são motivo de debates entre os acadêmicos da área. Dentre as principais explicações, cito algumas elencadas por Johannes Brøndsted, como as sucessivas divergências políticas e as disputas acirradas pelo poder – visto que o rei era eleito pelo *thing*, como já mencionado em capítulo anterior – e a busca por terras colonizáveis, entre outras. Ressalto, dentre as reflexões de Brøndsted, a mais significativa e passível de provas arqueológicas: a busca pelo domínio das rotas mercantis.

⁶² BRØNDSTED, Johannes. *Os vikings – história de uma fascinante civilização*. São Paulo: Hemus, 2004; p. 32.

⁶³ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 20.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 21. Interpretação semelhante pode ser vista em ZEEBERG, Peter. *Translating Saxo*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004; p. 19.

As expedições vikings, em sua maioria, possuíam um caráter comercial. Ao mesmo tempo em que faziam saques e destruíam cidades, os escandinavos logo fundavam outras, procurando assim aumentar o contato com rotas de comércio e encontrar novas fontes de mercadorias. Brøndsted também resume a natureza das expedições dos três principais reinos escandinavos: enquanto os noruegueses procuravam rotas para trocas mercantis e terras para colonizar, os suecos buscavam mais avidamente o comércio de escravos (parte importante do sistema econômico tribal viking), ao passo que as expedições dinamarquesas constituíam ataques territoriais muito mais organizados e disciplinados, que visavam tanto o comércio quanto a colonização. Em função disso, os contingentes de daneses que invadiram a Europa medieval originaram, em algumas regiões, grupos sociais mais hierarquizados, dominando certas áreas por longo tempo (como ocorreu na Inglaterra), ou estabelecendo-se e integrando-se totalmente aos costumes locais (como no caso singular da Normandia)⁶⁵.

Durante o século VIII, o rio Reno havia se tornado uma importante via de deslocamentos comerciais. Segundo Brøndsted, “(...) quando Carlos Martel conquistou a Frísia no ano de 734, fez reviver o comércio franco do mar do Norte através da habilidade e experiência dos frísios”⁶⁶. Com isso, o interesse renovado pela supremacia das rotas mercantis estabeleceu uma conexão importante entre os comerciantes do Norte e o centro cristão, abrindo espaço para a atividade da pirataria.

Mesmo representando vantagens econômicas, a pirataria podia causar conflitos nos reinos escandinavos. Isso porque não era rara a usurpação da posição do rei enquanto este estava em campanha, ou mesmo a substituição completa da dinastia no comando. Como coloca Niels Lund, no auge da Era Viking, “uma dinastia que havia passado certo tempo na Suécia voltava para casa e conseguia se estabelecer por algumas décadas, só para ser substituída por outra dinastia voltando do exterior”⁶⁷.

No período de escrita da *GD*, a Dinamarca já havia se afirmado como um dos reinos mais prósperos e poderosos da Escandinávia, controlando o Báltico e quase todas as rotas comerciais dos mares do Norte. Mas essa prosperidade só veio após um longo período de instabilidade política e conflitos pelo poder, bem como de mudanças profundas e cabais nas formas de organização do governo, que tiveram suas consequências culturais e sociais.

Os dinamarqueses sempre tiveram relações difíceis e instáveis com seus vizinhos. Escaramuças com os suecos e os noruegueses eram frequentes, e o Sacro Império também teve sua

⁶⁵ BRØNDSTED, *op. cit.*, pp. 25-31.

⁶⁶ Idem, *ibidem.*, pp. 20-22.

⁶⁷ “A dynasty that had spent some time in Sweden returned home and managed to establish itself for a couple of decades, only to be replaced by another dynasty returning from abroad”. LUND, Niels. *The Danish Empire and the end of the Viking Age*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1997, p. 158.

parcela de conflitos. Boa parte da responsabilidade da evangelização inicial dos povos escandinavos ficou sob o encargo de missionários germânicos, e em resposta a um ataque de dinamarqueses em 845, os arcebispos de Hamburgo e Bremen uniram-se em um só, para melhorar o controle da região e prosseguir a conversão⁶⁸. Além disso, os imperadores germânicos tentaram, por mais de uma vez (e conseguiram por um curto período), estabelecer hegemonia sobre a Dinamarca, transformando-a em reino vassalo. Outro ponto de embate entre os daneses e o Sacro Império era a marca de Schelswig-Holstein - fronteira entre os dois reinos -, onde se situava a cidade de Haithabu (atual Hedeby; vide mapa 02). A região se tornou, durante a Era Viking, o principal ponto de encontro das rotas comerciais que uniam a Escandinávia ao continente medieval.



Mapa 02: a Escandinávia na Era Viking. In: BRINK, Stefan & PRICE, Neil. *The Viking World*. Nova Iorque: Routledge – Taylor and Francis Group, 2008, p. 653.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 163.

Em c. 960, as províncias mais prósperas dinamarquesas - a Jutlândia, a Zelândia e a Scânia - foram unidas sob o rei Harald “Dente-azul” (*Blåtand*) Gormasson. Essa união durou pouco, mas continuou a fazer parte das ambições da maioria dos líderes políticos posteriores. Harald é considerado o primeiro rei danês a se converter ao cristianismo⁶⁹. O novo culto, entretanto, só iria se disseminar pela Dinamarca depois do século XI e, no início, possuía um caráter curioso de sincretismo entre Cristo e os deuses da religião pagã⁷⁰. Ambos os fatos – a unificação das principais províncias dinamarquesas e a conversão ao cristianismo – ficaram marcados por Harald para a posteridade, pois o rei erigiu um monumento em homenagem aos pais, a pedra de Jelling, na qual exalta orgulhosamente sua conquista territorial e sua nova religião. A pedra é considerada a “certidão de batismo” dos dinamarqueses⁷¹. Harald também foi responsável por uma melhoria significativa nos meios de circulação dentro do reino, com a construção de estradas e pontes – buscando, assim, aumentar a circulação de mercadorias. Ele ainda se empenhou em continuar a construção da grandiosa fortificação *Danevirke*, no sul de Schelswig (cuja localização também pode ser vista no mapa 02), tentando estabelecer uma fronteira mais definida com os difíceis vizinhos do sul – os germânicos⁷².

Durante seu reinado, os ataques piratas às costas do centro cristão estavam no auge. O filho de Harald, Sven “Barba Forcada”, foi o responsável pela conquista da Inglaterra, em 1013. A relação com a ilha já cristianizada também teve um papel significativo nos intercâmbios culturais e religiosos, pois Sven recebia missionários do continente cristão, permitindo a pregação na Dinamarca. Também foi Sven quem derrotou o poderoso norueguês Olaf Tryggvason, um exemplo das relações nem sempre amistosas entre os povos escandinavos durante a Era Viking.

Como comentado anteriormente, a Dinamarca era governada por uma aliança entre o rei e os aristocratas. Para controlar esta aliança, é atribuído a Sven o desenvolvimento do sistema *leding* - semelhante ao *fyrð* inglês. Este sistema tinha como particularidade a obrigação das elites dinamarquesas de construir navios e equipá-los com marujos a serviço do rei, servindo como base também para o controle das diferentes províncias dinamarquesas. Para Blomkvist – que utiliza a

⁶⁹ Mesmo que Harald “Dente Azul” tenha recebido os “créditos” de ser o primeiro rei cristão da Dinamarca, já em 826, o então rei Harald Klak também teria sido batizado. GARIPZANOV, Ildar H. *Frontier Identities: Carolingian frontier and the gens Danorum*. In: GARIPZANOV et al (ed.). *Franks, Northmen and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols Publishers, 2008; p. 116.

⁷⁰ SØRENSEN, Preben Meulengracht. *Religions old and new*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1997; p. 223.

⁷¹ BRØNDSTED, *op. cit.*, p. 63.

⁷² Chamada *Danewerk* em alemão. A muralha é mencionada em fontes carolíngias no século IX, e sua construção se iniciou, neste período, para defender a Dinamarca tanto de saxões quanto de eslavos.

grafia *leding* –, o sistema se resume a “(...) qualquer frota naval operando em nome do reino, liderada por seu rei ou por um de seus representantes”⁷³.

Sven “Barba Forcada” morreu em 1014, deixando dois filhos, Harald e Knud. O primeiro assumiu o reino, enquanto coube ao segundo voltar à Inglaterra e liderá-la, onde foi aclamado rei por seus compatriotas que ali viviam. Em 1018, com a morte de Harald, Knud voltou à Dinamarca, e reinou até 1035.

Knud⁷⁴, que posteriormente recebeu a alcunha de “o Grande”, representou, em diversos aspectos, o início das influências do centro cristão na Dinamarca semi-periférica. Convertido ao cristianismo, ele lutou para conseguir a autonomia da igreja dinamarquesa, estabelecendo no reino uma diocese reestruturada em 1021⁷⁵ - mesmo que a religião ainda continuasse restrita aos meios aristocráticos. A mando de Knud, igrejas suntuosas foram construídas nas cidades de Roskilde e Lund, e ele também trouxe consigo missionários da Inglaterra para disseminar a pregação do cristianismo, preterindo os clérigos do arcebispado de Hamburgo-Bremen⁷⁶. Após uma série de conflitos diplomáticos em consequência disto, em 1027, Knud foi até Roma para a coroação do sacro imperador Conrado II. Além de demonstrar uma política de boa vizinhança com o Sacro Império, a visita de Knud ao centro católico foi um passo importante para a inserção do reino da Dinamarca na esfera das monarquias cristãs continentais.

A morte de Knud em 1035 originou outro período de lutas pela liderança entre os daneses, além de conflitos contra inimigos externos. Após derrotar o norueguês Harald Hardrada, o sobrinho de Knud, Sven Estridsen, tornou-se rei em 1047. Sven foi um fervoroso cristão, e teve contato com o clérigo germânico Adam de Bremen, sendo mencionado em sua obra *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum*⁷⁷.

Após a morte de Sven, outro período de turbulências internas se seguiu, até a liderança do reino ficar nas mãos de seu filho Knud IV, entre 1080 e 1086. Suas reformas políticas centralizadoras mostraram, novamente, influências dos modelos europeus de governo e da ideologia da Igreja. Além disso, em 1100, o papa Pascal III canonizou Knud⁷⁸, que se tornou o primeiro rei santo da Dinamarca. Suas tentativas vigorosas de aumentar os poderes reais incluíam o direito de possuir terras comunais e de ser herdeiro de indivíduos sem descendentes. Ainda, nas palavras de Lund:

⁷³ “(...) for any fleet operating in the name of the realm and led by the king or one of his deputies”. BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 204.

⁷⁴ O nome “Knud” muitas vezes aparece com a grafia “Knut”, ou também nas formas latinizadas “Cnut” e “Canute”.

⁷⁵ GELTING, *op. cit.*, p. 83.

⁷⁶ LUND, *op. cit.*, p. 173.

⁷⁷ SAWYER, Peter H. *Kings and Vikings - Scandinavia and Europe A.D. 700-1100*. Londres/Nova Iorque: Routledge – Taylor and Francis Group, 2003; p. 17.

⁷⁸ CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Crusades*. Londres: Penguin Books Ltd., 1997; p. 24.

“Como os príncipes europeus contemporâneos, ele também tentou fazer cumprir sua própria paz e cobrava penalidades pesadas quando esta era quebrada. Ele também era um campeão zeloso da Igreja; descontando-se os exageros dos hagiógrafos, não há razão para duvidar de que ele emitiu leis para proteger os fracos, os órfãos, as viúvas, e estrangeiros, um ideal cristão, e que ele também tentou fazer cumprir o pagamento de dízimos”⁷⁹.

Foi durante seu reinado que o primeiro monastério beneditino foi fundado, em c. 1080⁸⁰. Duas décadas antes, no noroeste da Zelândia, disseminava-se o culto a um obscuro santo chamado Thøger (ou Theodgar), que teria sido um missionário⁸¹. Seu culto permaneceu local, e ambos os fatos demonstram o andamento da difusão do cristianismo na Dinamarca, que saía dos meios aristocráticos e atingia o restante da população.

Nota-se, com isso, a progressiva inclusão de características similares às das monarquias da Europa continental ao velho sistema de governo dinamarquês, bem como de uma cultura religiosa que influenciava lentamente a cultura nativa. Knud IV foi assassinado em meio a uma rebelião na Dinamarca, e sua morte é considerada o marco final da Era Viking, pois após o fato, os ataques em larga escala de piratas nórdicos ao continente medieval cessaram.

Nesse mesmo período, é possível perceber outra mudança na organização do reino danês que pode ser vista também como influência do centro cristão: a criação de uma rede de cidades comerciais controladas pelo rei. Até o final do século X, a Dinamarca era esparsamente povoada e possuía poucos centros urbanos. Desse período em diante, e sob o controle real, mais cidades começaram a ser fundadas, criando uma rede que fomentava o comércio de longa distância. Ao mesmo tempo, cidades mais antigas ganhavam destaque renovado, como a já citada Lund – que atualmente, pertence à Suécia. Lund virou um verdadeiro empório de comércio e artesanato⁸², e também se tornou o principal centro de cultura e religião da Escandinávia medieval.

Assumindo o poder no lugar de seu irmão Knud, Erik I Ejegod retomou as negociações com o papa Gregório VII que, no início do século XI, reconheceu formalmente a Dinamarca como parte da Cristandade. A partir de 1104, o arcebispado de Lund passou a controlar as igrejas do Norte como sé metropolitana, para o desgosto dos clérigos de Hamburgo-Bremen, cujas intenções políticas continuavam a irradiar do Sacro Império em direção aos reinos escandinavos⁸³.

⁷⁹ “Like contemporary European princes, he also tried to enforce his own peace and exacted heavy penalties if it was broken. He was also a zealous champion of the church; discounting the exaggerations of hagiographers, there is no reason to doubt that he issued laws to protect the weak, orphans, widows, and strangers, a Christian ideal, and that he also tried to enforce the payment of tithes”. LUND, *op. cit.*, p. 178.

⁸⁰ GELTING, *op. cit.*, p. 97.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 100.

⁸² Idem, *ibidem*, p. 92.

⁸³ CHRISTIANSEN, *op. cit.*, idem.



Mapa 03: a Dinamarca dos séculos X ao XII. In: GELTING, *op. cit.*, p. 74.

Ao garantir o controle da sede religiosa para a esfera escandinava, o rei Erik I conquistou uma autonomia até então nunca vista no reino, pois isso significava a possibilidade de dominação e conversão dos povos ao sul e a leste do Báltico, especialmente a Pomerânia e os territórios eslavos da ilha de Rügen. Posteriormente, os escandinavos, liderados pela Dinamarca, iniciariam uma violenta cruzada contra esses povos, como será visto a seguir.

Entre o final do século XI e início do XII, Knud Lavard assumiu o reino, iniciando a poderosa dinastia dos Valdemares. Knud continuou a utilização de modelos administrativos vindos do centro católico, valendo-se do aparato centralizado de governo mencionado em capítulo anterior. O comércio de longa distância e as relações mercantis renovadas do período aumentaram a circulação de produtos de luxo, e Knud introduziu um modelo de cunhagem de moedas semelhante aos padrões do continente⁸⁴, bem como um novo sistema de taxaço sobre os mesmos produtos⁸⁵.

Após sua morte, em 1131, mais outra série de conflitos civis irromperam na Dinamarca, agora liderados por dois grupos rivais que disputavam o poder: as famílias Skjalm-Hvide (à qual pertenciam os Valdemares) e a Thurgot, da Jutlândia. Representando a primeira, o filho de Knud Lavard, Valdemar I, subiu ao trono em 1157, sendo coroado pelo arcebispo Eskil de Lund. A

⁸⁴ GELTING, *op. cit.*, p. 93.

⁸⁵ BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 128.

coroação de um rei dinamarquês pelo arcebispo é outro exemplo da influência do centro cristão: imitava o ritual consagrado dos reis franceses, que eram coroados pelo arcebispo de Reims, e dos sacro imperadores que, por sua vez, eram coroados pelo arcebispo de Colônia. Para Michael Gelting:

“Desde o início do reinado exclusivo de Valdemar I, a origem divina do ofício e do poder do rei foram enfatizados, no mesmo período em que os diplomas régios se tornavam fortemente influenciados pela linguagem bíblica. Em adição, o vocabulário de privilégios papais parece ter sido usado como fonte de inspiração para os preâmbulos dos títulos dos reis Valdemares (...)”⁸⁶.

Em 1169, Valdemar I obteve a canonização de seu pai Knud Lavard, mais por motivos políticos e simbólicos - engrandecer a dinastia no poder - do que por sua piedade cristã, tornando-o, assim, o segundo rei santo dinamarquês. No ano seguinte, Valdemar I tentou fazer com que a monarquia dinamarquesa se tornasse hereditária⁸⁷. Pode-se ver, assim, a expansão da Cristandade e dos modelos administrativos carolíngios afetando a concepção de governo na Dinamarca. O novo modelo de administração salientava as obrigações do soberano de preservar a paz interna e manter a justiça e, ao mesmo tempo, proteger a Igreja. A colocação do rei como figura central na organização governamental, seu dever de manter o reino organizado e conduzi-lo com o auxílio de funcionários preparados para isso indica, portanto, a mudança para um novo sistema de governo⁸⁸, integrando a Dinamarca, até então semi-periférica, ao centro cristão.

Durante o século XII, o culto aos dois reis santos dinamarqueses – São Knud IV e São Knud Lavard – disseminou-se pelo reino, fomentando por políticas da própria realeza. As canonizações de dois reis santos e a difusão de seus respectivos cultos auxiliaram o fortalecimento da imagem da monarquia dentro do próprio reino e fora dele. Novamente, para Gelting:

“Assim, a canonização de dois santos reais deve ser entendida no contexto de uma política que objetivava o fornecimento de uma aura sagrada ao reinado, que colocaria o rei fora do alcance de conflitos dinásticos e sociais que haviam custado a vida de muitos reis dinamarqueses, tanto no século XII quanto anteriormente.

⁸⁶ “From the beginning of the sole reign of Valdemar I (1157–82), the divine origin of the king’s office and power was stressed, at the same time as the charters became strongly influenced by biblical language. In addition, the wording of papal privileges seems to have been used as a source of inspiration for the preambles of the charters of the Valdemarian kings (...)” GELTING, *op. cit.*, p. 88.

⁸⁷ HERMANSON, Lars. *Friendship and Politics in Saxo Grammaticus’ Gesta Danorum*. In: *Revue belge de philologie et d’histoire*; tome 83 fasc. 2, 2005. *Histoire médiévale, moderne et contemporaine - Middeleeuwse, moderne en hedendaagse geschiedenis*. pp. 261-284. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_2005_num_83_2_4922> acesso em 29/09/2013; p, 264.

⁸⁸ BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 268.

Essa política parece ter sido seguida com razoável consistência em cooperação entre a Igreja dinamarquesa e os reis durante o século XII⁸⁹.

Outro fator que indica a expansão da Cristandade foi a fundação da única ordem militar a se estabelecer na Dinamarca, a de São João de Jerusalém, em c. 1160. Ainda, na década seguinte, surgiu uma guilda de mercadores devotada a São Knud (Lavard) logo após sua canonização⁹⁰, cujo funcionamento, de um modo geral, era parecido com o da Hansa teutônica. Percebe-se, com isso, a organização local da *mercatura* com características do centro, em uma guilda própria que defendia seus interesses comerciais.

Da metade do século XII em diante, a rede de *jarls* regionais – cuja exata natureza de funções é desconhecida, mas que, provavelmente, integravam as aristocracias poderosas aliadas ao rei – começou a ser progressivamente substituída por homens a serviço direto do soberano, os *villici*. Essa substituição é mais um fator da reestruturação dos poderes reais, que se centralizavam, seguindo os modelos administrativos das monarquias do continente cristão⁹¹.

O clero, enquanto grupo social diferenciado, também começou a desempenhar um papel importante na sociedade dinamarquesa nessa época. Mesmo que a princípio a *ecclesia* fosse vista com certa suspeita pela população (como afirmou Gregório VII em suas cartas aos reis dinamarqueses⁹²), seu número aumentou do final do século XI em diante, concomitante ao aumento do número de igrejas. Assim como os monarcas do continente, os reis dinamarqueses passaram a incluir clérigos em suas cortes, tanto para serviços unicamente religiosos quanto para funções administrativas.

A introdução da separação da jurisdição laica e eclesiástica indica também outra característica de mudanças na Dinamarca. Inicialmente, o funcionamento altamente processual e desvinculado dos poderes terrenos da lei canônica desagradou as aristocracias de Roskilde e Lund que, por isso, recusavam-se a pagar o dízimo aos bispos. Estes últimos, exemplificando sua boa relação com as elites, fizeram algumas adaptações: incluíram, por exemplo, a prova do ordálio e a presença de jurados, que eram parte do tradicional costume germânico, e também regularam as finanças dos bispados publicamente. Com isso, originaram-se as Leis Eclesiásticas da Scânia e da Zelândia, respectivamente, em um caso raro de adaptação local das leis canônicas⁹³.

⁸⁹ “Thus the canonization of the two royal saints should be understood in the context of a policy aimed at providing kingship with a sacred aura that would place the king outside the reach of the dynastic and social struggles that had cost so many Danish kings their lives, both in the twelfth century and earlier. This policy seems to have been pursued fairly consistently by the Danish church and kings in cooperation during the twelfth century.” GELTING, *op. cit.*, pp. 88-89.

⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 99.

⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 93.

⁹² SØRENSEN, *op. cit.*, p. 221.

⁹³ GELTING, *op. cit.*, p. 97.

Ainda, a primeira abadia cisterciense surgiu na Scânia, 1144, ao passo que, na mesma província, em 1155, foi fundado o primeiro monastério premonstratense⁹⁴.

Outro fator que demonstra a integração do reino da Dinamarca ao centro católico é a política matrimonial. Em 1193, a filha de Valdemar I, Ingeborg, foi dada em casamento ao rei Filipe Augusto da França. Mesmo ocasionando uma situação desconfortável (Filipe Augusto pediu a anulação do casamento no dia seguinte), o fato demonstra que, naquele período, o reino da Dinamarca já era visto como um parceiro político importante para as monarquias europeias⁹⁵.

Em 1147, enquanto a Cristandade se organizava para a Segunda Cruzada na Terra Santa, o papa Eugênio III autorizou a Dinamarca a lançar-se em guerra santa contra os pagãos eslavos⁹⁶, cruzada que primeiramente atingiu os eslavos orientais, os vendos, para posteriormente chegar ao Báltico oriental. As cruzadas setentrionais uniram os povos nórdicos em um objetivo comum, atraindo homens livres através da isenção de impostos, ao mesmo tempo em que solidificava a aproximação entre aristocracia escandinava e a Igreja.

Valdemar I morreu em 1182 e, em meio ao fervor cruzado, seus filhos assumiram o poder sucessivamente: Knud VI, entre 1182 e 1202, e Valdemar II, de 1202 a 1241. Este último prosseguiu as cruzadas e conquistou a Estônia, fundando a capital do país, a atual Talin. Por isso, recebeu a alcunha de “o Conquistador”.

Procurei demonstrar, neste capítulo, a integração da Dinamarca semi-periférica ao centro cristão - processo que ocorreu lentamente, especialmente durante o “longo século XII”. A organização da Igreja dinamarquesa permaneceu rudimentar por quase todo o século XI, e a fase de conversão se estendeu até meados do mesmo século. No início do século XIII, entretanto, a Dinamarca já pode ser considerada, em todos os aspectos, um reino cristão e europeu. Para Robert Bartlett, “a Dinamarca era uma transmissora de formas e padrões religiosos e culturais antes mesmo de tê-los assimilado completamente”⁹⁷.

Administrativa e ideologicamente, os reis dinamarqueses haviam se enquadrado ao modelo europeu central. A Igreja dinamarquesa era liderada por prelados com uma educação internacional, e a legislação real integrava elementos dos costumes dinamarqueses em acordo com o direito romano e com as leis canônicas. A rede paroquial dinamarquesa se fortificou e aumentou, e a arquitetura das igrejas, cujas construções haviam iniciado nos séculos anteriores, tomava a forma do

⁹⁴ Idem, *ibidem*, p. 98.

⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 90.

⁹⁶ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 26.

⁹⁷ “Denmark was a transmitter of religious and cultural forms and patterns even before it had fully assimilated them itself”. BARTLETT, Robert. *The Making of Europe*. Londres, 1994; p. 281; *apud*: BLOMKVIST, *op.cit.*, p. 132.

estilo gótico da Europa continental⁹⁸. A ideologia religiosa da Igreja difundiu-se na Escandinávia, terminando por convertê-la ao cristianismo definitivamente, e afetou seus modelos de governo. Paralelo à expansão da Cristandade, a europeização difundiu-se, atingindo os povos do Norte e transformando também sua concepção de história e de cultura.

3.1 A literatura na Escandinávia

A difusão da europeização e da cultura do centro cristão na Escandinávia abriu espaço para que os mesmos criassem uma nova consciência identitária, ou uma estratégia de sobrevivência frente à aparente grandeza e refinamento das elites do continente medieval. Como uma possível expressão de reação à expansão do centro, floresceu uma produção literária local com forte apelo ao passado mítico, revitalizando a identidade tradicional dos povos do Norte. Nessa literatura, os escandinavos se sobressaíram com a construção de histórias locais, e os escritores representavam a sociedade nórdica tentando se adaptar às mudanças que vinham do centro por meio da escrita. A literatura se tornou, portanto, uma ferramenta poderosa na transição para uma sociedade cristã, possuindo uma identidade própria⁹⁹ em meio a características e influências da área central.

A *ecclesia* teve papel de destaque nesse florescimento. Difundindo a literatura religiosa e o conhecimento das obras da Antiguidade, o clero trouxe a alfabetização para os povos nórdicos, e encorajou, nesse processo, a escrita das “histórias nacionais”¹⁰⁰. Preben Sørensen chega a afirmar que só a partir da entrada da escrita é que começa o processo de europeização da Escandinávia, atingindo os métodos de comunicação – que passavam de orais para escritos – e os sistemas ético, religioso e cultural,¹⁰¹ imbuídos de elementos da ideologia da Igreja e do comportamento aristocrático e cortês do continente europeu.

De acordo com Nils Blomkvist, as sagas épicas surgiram entre os anos 1150 e 1250¹⁰², momento em que os escandinavos iniciavam as cruzadas setentrionais. Ao mesmo tempo, na Dinamarca, a dinastia dos Valdemares necessitava de legitimação perante os grupos rivais. Nesse ínterim, surgem as primeiras obras sobre a história dos povos nórdicos, as *eddas* poéticas, os espelhos dos reis da Noruega e as sagas islandesas (ou *eddas* em prosa) atribuídas a Snorri Sturluson, em uma verdadeira busca pela memória ancestral, muitas vezes calcadas em um modelo de historiografia da Cristandade, como será visto adiante. Um dos grandes objetivos dessa produção

⁹⁸ GELTING, *op. cit.*, pp. 110-111.

⁹⁹ BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 261.

¹⁰⁰ SAWYER, *op. cit.*, p. 10.

¹⁰¹ SØRENSEN, *op. cit.*, p. 222.

¹⁰² BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 237.

foi fazer com que as aristocracias escandinavas fossem levadas mais a sério pelas monarquias do continente, buscando também disciplinar as elites nórdicas com narrativas contendo ensinamentos morais e didáticos. Ao mesmo tempo, elas se configuram como a “estratégia de olhar para trás” colocada por Blomkvist, expressando a busca identitária dos escandinavos em um momento de mudanças profundas na região, até então semi-periférica.

O estudo das obras advindas desse período pode ser bastante útil para a compreensão da mentalidade da época. É evidentemente necessário manter uma análise crítica das mesmas, pois o largo uso de licenças-poéticas e elementos puramente ficcionais e mitológicos imbricados na construção das narrativas muitas vezes confundem o historiador. Mas, como aconselha Blomkvist, “Nós devemos aceitar que esses textos foram escritos em acordo com o estado da arte em seu tempo; a crítica à fonte não deveria ser utilizada para ‘matá-la’, mas para revelar o que está distorcido, a fim de resgatar as informações úteis que permanecem”¹⁰³. Mas o contexto, por si só, não explica a obra. Apenas a influencia, pois o erudito que escreve extrai dos conhecimentos a sua volta contos, histórias e mitos que utiliza para criar sua obra.

Durante esse florescimento literário, o período viking passou a ser visto como a Era Heroica da Escandinávia¹⁰⁴. Os primeiros testemunhos dessa literatura são os poemas escáldicos¹⁰⁵ e as sagas compostas por esses poetas, as *skáldasögur*. Mergulhados em *kennings*¹⁰⁶ e cheios de nomes e datas, os poemas escáldicos, no entanto, raramente possuem muitas informações confiáveis para a compreensão da história dos escandinavos.

O primeiro livro que conta o passado de um povo escandinavo foi o *Íslendingabók* – o livro dos islandeses –, escrito ainda entre 1125 e 1132 por Ari Thorgilsson¹⁰⁷, mostrando os primeiro anos da colonização da Islândia.

É a partir da metade do século XII, portanto, que começam a serem escritas as sagas épicas dos reis escandinavos - as *konungasögur* -, seguidas posteriormente pela produção das sagas das famílias islandesas (*islendingasögur*) e das sagas de heróis míticos (*fornaldarsögur*), já no século XIII.

¹⁰³ “We must accept that these texts were written according to the state of the art in their time; source criticism should not be used to ‘kill’ sources but to reveal what is distorted in order to rescue what useful information remains”. BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 109.

¹⁰⁴ LÖNNROTH, Lars. *The Vikings in history and legend*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1997; p. 225.

¹⁰⁵ Os escaldos (*skáld*) eram poetas que, durante a Era Viking, transitavam pelos reinos compondo poemas sobre os principais eventos bélicos do seu tempo. Com conhecimentos profundos da religião nórdica e memórias admiráveis, os escaldos eram sempre bem-vindos nas casas reais, e sua poesia era considerada um ofício divino, um presente do deus Odin para os homens. SHORT, William R. *Icelanders in the Viking Age – the people of the sagas*. Jefferson: McFarland & Company Inc., 2010; p. 166.

¹⁰⁶ Os *kennings* eram paráfrases utilizadas amplamente nas *eddas* e na poesia escáldica. Por exemplo, *corcel dos mares* é um *kenning* para navio, ao passo que *a chama do Reno* significa ouro. Idem, *ibidem*, p. 167.

¹⁰⁷ SAWYER, *op. cit.*, idem.

O historiador espanhol Santiago Ibañez Lluich percebe uma influência da europeização e da expansão da Cristandade na escrita das *fornaldarsögur*, especialmente no que tange à construção dos personagens nas narrativas:

“(…) Eles são muitas vezes, portanto, noruegueses, dinamarqueses e suecos pertencentes às classes aristocráticas e realeza. Se trata, de certa forma, de arquétipos que pretendem combinar os ideais heroicos da época lendária e os valores cortesãos e cavaleirescos dos reinos mais refinados do sul da Europa, importados através da tradução ou adaptação”¹⁰⁸.

O ideal de comportamento cortês e a literatura cavaleiresca do renascimento do século XII difundiram-se no Norte, levados pela expansão da Cristandade e engendrando o processo de europeização. No entanto, a cultura cortês não era totalmente desconhecida nos reinos escandinavos, mesmo que sua produção local tenha sido mais tardia em relação à do centro. No caso do reino da Dinamarca, os romances cortesões do continente medieval só foram traduzidos a partir do século XV, mas isso não significa, como explica Ferrer, que as cortes e a aristocracia da Dinamarca não conhecessem esse gênero literário:

“Uma razão para o motivo de não haver traços de uma cultura cortês é talvez a falta de necessidade de se fazer traduções do alemão, já que os próprios membros das cortes entendiam e falavam a língua. Os romances cortesões eram talvez recitados para plateias que entendiam alemão (...). Então, em oposição à cultura cortês norueguesa, que em grande medida foi iniciada pelo rei, parece que a versão dinamarquesa foi em grande parte o resultado de uma aristocracia leiga sendo influenciada pela Alemanha. Isto sugere que a cultura cortês na Dinamarca talvez devesse ser explicada, com referência a aspectos assinalados pelos historiadores franceses Duby e Flori, isto é, com o aumento da importância da cavalaria na guerra, da crescente importância do status social e econômico da aristocracia, e de guerreiros adotando maneiras nobres”¹⁰⁹.

¹⁰⁸ “(...) Suelen ser, por tanto, noruegos, daneses o suecos pertenecientes a las clases aristocraticas y a la realeza. Se trata, en cierto modo, de arquetipos que pretenden conjugar ideales heroicos de epoca legendaria y los valores cortesanos y caballerescos de los reinos mas refinados del sur de Europa, importados a traves de traducciones o adaptaciones”. IBÁÑEZ LLUCH, Santiago. *Saxo Gramático, traductor*. *Hermêneus - Revista de Tradução e Interpretação*; número 6, 2004. Disponível em <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1027638.pdf>, acesso em 29/09/2013; pp. 5-6.

¹⁰⁹ “One reason for why there are no literary traces of a courtly culture is perhaps that there was no need to make translations from German, as the members of the courts understood and spoke German themselves. The courtly romances were perhaps recited to an audience who understood German (...). Then, in opposition to the Norwegian courtly culture, which to a great extent was initiated by the king, it seems that the Danish version to a greater extent was the result of a lay aristocracy picking up impulses from Germany. This suggests that the courtly culture in Denmark should perhaps be explained, with reference to the aspects the French historians Duby and Flori have highlighted, that is, the increased importance of chivalry in warfare, the economic and social status of the aristocracy being improved, and warriors adopting noble manners”. FERRER, *op. cit.*, p. 11.

O conceito de cortesia e a literatura cavaleiresca, portanto, vieram com agentes de europeização do centro, como os clérigos e os mercadores, e também oralmente pelos contatos da Dinamarca com outros reinos, como o Sacro Império. Da mesma forma, o enobrecimento do status da cavalaria e do guerreiro influenciavam os povos nórdicos, e afetaram, conseqüentemente, a escrita de sua literatura.

A Dinamarca teve sua própria saga de reis escrita nesse período pelos literatos islandeses, a *Skjoldunga saga*¹¹⁰. A obra, no entanto, se perdeu, e na atualidade, dela só restam fragmentos. Entretanto, uma obra que pode ser considerada uma “história nacional”, reunindo os elementos de exaltação de um passado mítico e glorioso, o enobrecimento de guerreiros, uma genealogia dos reis dinamarqueses e a influência do renascimento literário do continente medieval é a *Gesta Danorum* – ou *História da Dinamarca*, escrita pelo clérigo Saxo Grammaticus. Passo, a seguir, a analisar alguns elementos da obra e de sua estrutura.

4. Saxo Grammaticus e a *Gesta Danorum* (c. 1180-1215)

Da vida e da formação de Saxo Grammaticus, pouco se tem certeza¹¹¹. Estudiosos já o chamaram de monge e de cônego, e por isso, vou me restringir ao termo clérigo. Como já mencionado no início deste trabalho, Saxo, como membro da Igreja - e sob os patronatos dos arcebispos Absalão (a quem ele atribui, no prefácio, a encomenda da escrita da *GD*) e seu sobrinho Anders Sunensen, respectivamente -, possivelmente estudou em uma escola de teologia em Paris. Mesmo que sua formação não seja passível de provas concretas, é fato que Saxo trabalhava para o *milieu* literário do arcebispado de Lund, o qual, como sabemos, era um centro cultural importante naquele período, o que pode significar que a *GD* foi produto de um cruzamento entre as tradições orais nórdicas e a literatura que vinha da Europa¹¹².

Da mesma forma, não se sabe ao certo quais autores, clássicos e cristãos, Saxo teria estudado. Sua retórica elegante e seu latim erudito – muitas vezes descrito como excessivamente “empolado” ou “rebuscado”¹¹³ – indicam que, tendo em vista a circulação de ideias em meio à cultura eclesiástica e o estudo teológico do dinamarquês, tenha entrado em contato com as obras de Adam de Bremen, Valério Máximo, Helmold de Bosau e Marciano Capela. Deste último, diversas

¹¹⁰ TULINIUS, Torfi H. *Sagas of Icelandic Prehistory (fornaldarsögur)*. In: McTURK, Rory (Ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic literature and culture*. Malden, Oxford e Melbourne: Blackwell Publishing Ltd, 2005; p. 450.

¹¹¹ De acordo com Robert Bartlett, Saxo nasceu na província da Zelândia. BARTLETT, Robert, *From Paganism to Christianity in medieval Europe*. In: BEREND, Nora (ed.). *Christianization and the rise of Christian Monarchy – Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; p. 49.

¹¹² HERMANSON, *op. cit.*, p. 265.

¹¹³ ELTON, Oliver. *Introduction*. In: SAXO, *op. cit.*, p. 18; e OLRİK, Jørgen (tr.). *Saksnes Danesaga III. Svensønnernes og Borgerkrigenes Tid*, 1908; p. 16; *apud* ZEEBERG, *op. cit.*, p. 14; entre outros.

influências são visíveis na *GD*, como símbolos, expressões e figuras alegóricas, assim como a técnica de *prosimetrum*, que consiste em intercalar poemas de métricas variadas com texto em prosa¹¹⁴. Ainda, alguns acadêmicos¹¹⁵ afirmam que Saxo estudou Cícero, Aristóteles, Sêneca, Jordanes e Platão, especialmente por causa da presença dos *exempla*, das virtudes cardinais e do tema da *amiticia*, entre outros.

Nils Blomkvist resume os questionamentos que cercam a natureza de Saxo enquanto literato. Seria ele um reproduzidor ingênuo do folclore nórdico perdido, um compilador astuto de propaganda política e ideológica de seu tempo, ou um moralista teológico? Mas, de qualquer forma, “(...) sua *Gesta* é uma espécie de prisma que reflete os eventos do período de uma maneira extraordinária”¹¹⁶.

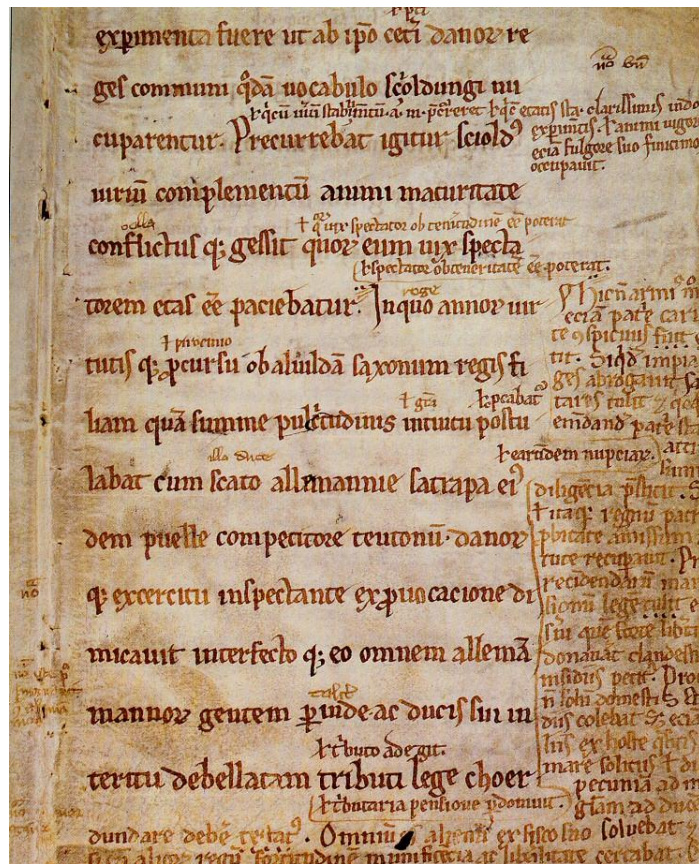


Figura 01: parte do manuscrito de Angers, o único da *GD* datado do século XIII. Acredita-se que a caligrafia no mesmo seja do próprio Saxo. Retirado de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Saxo_original_001.jpg, acesso em 06/11/2013.

Também não se sabe ao certo o título original que Saxo deu à sua obra, pois o nome *Gesta Danorum* apareceu posteriormente, em 1342¹¹⁷. Possuindo diversos fragmentos espalhados em vários manuscritos, a *GD* completa só foi publicada em 1514, com o título *Danorum Regum*

¹¹⁴ IBAÑEZ LLUCH, *op. cit.*, p. 4.

¹¹⁵ Vide MUCENIECKS, *op. cit.*, pp. 64-65; HERMANSON, *op. cit.*, p. 262; ELTON, *op. cit.*, idem; e outros.

¹¹⁶ “(...) his *Gesta* is a kind of prism that reflects the events of the period in a remarkable way”. BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 239.

¹¹⁷ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 49.

heroumque Historiae, por Christiern Pedersen. O mesmo teria feita sua primeira tradução para o dinamarquês em c. 1540, mas esta se perdeu.

Mesmo que a *GD* não se configure como um *chanson de geste*, é possível notar em sua composição características desse gênero literário. Segundo Muceniecks, os feitos históricos com temáticas guerreiras e mitológicas, bem como a imagem sacralizada da cavalaria¹¹⁸ que Saxo utiliza para representar seus personagens podem sugerir uma influência dessa literatura do centro cristão. Ao mesmo tempo, o comportamento aristocrático e cortês é evidente em diversos momentos da obra.

A composição da *GD*, como já mencionado, teria ocorrido entre o final do século XII e início do XIII, com algumas divergências mínimas nas datas entre os estudiosos da obra. Ela é composta de 16 livros: os primeiros nove foram considerados “míticos”, mesclando elementos mitológicos da Antiguidade e da religião nórdica com fatos historicamente duvidosos. Além disso, é consenso entre os estudiosos que essa parte do livro teria sido escrita por último, após a morte do primeiro patrono da *GD*, o arcebispo Absalão. Os últimos sete livros possuem um cunho mais cronístico (pois narram a história da Dinamarca contemporânea a Saxo), e são chamados de “históricos”¹¹⁹, tendo sido os primeiros escritos pelo clérigo.

Os objetivos de Saxo em sua composição também são tema de debates entre os acadêmicos. Uma característica marcante da obra são as frequentes alusões à mitologia greco-romana. Pode-se perceber nisso Saxo tentando mostrar a antiguidade da Dinamarca enquanto um reino, cuja glória seria comparável à do Império Romano. Para Peter Zeeberg, a *GD* deve ser vista como uma obra de literatura latina por si só¹²⁰, e Eric Christiansen afirma que a preocupação de Saxo era “(...) dar a este reino um passado tão glorioso quanto seu presente”¹²¹, isto é, o período de prosperidade na Dinamarca sob a dinastia dos Valdemares. A obra era provavelmente lida nas cortes, e sua sofisticação causava grande impacto nos ouvintes, encorajando-os, frente à grandeza do passado danês, a encarar os conflitos contemporâneos¹²².

Para Lars Hermanson, Saxo é um “representante típico do renascimento do século XII”¹²³, escrevendo em um latim sofisticado como os escritores germânicos e franceses de seu tempo. Para ele, a *GD* pode ser lida como um “espelho de reis”¹²⁴, modalidade literária que estava em voga no Sacro Império e na Inglaterra, e que havia sido frequente na França carolíngia. De acordo com o

¹¹⁸ Idem, *ibidem*, pp. 49-50.

¹¹⁹ ZEEBERG, *op. cit.*, pp. 13-14; MUCENIECKS, *op. cit.*, pp. 10-11; e outros.

¹²⁰ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 16.

¹²¹ “(...) to give this kingdom a past as glorious as the present.” CHRISTIANSEN, *op. cit.*, p. 64.

¹²² HERMANSON, *op. cit.*, p. 267.

¹²³ Idem, *ibidem*., p. 261.

¹²⁴ Idem, *ibidem*, p. 266.

mesmo historiador, a concepção de História de Saxo era baseada em seus conhecimentos da Antiguidade:

“Como seus colegas europeus contemporâneos, Saxo tinha a concepção clássica de que a função da história era ilustrar verdades eternas a respeito de qualidades e características humanas, tais como virtudes e vícios. Os autores do renascimento do século XII viam a era clássica greco-romana como uma idade de ouro, e que servia como modelo para moralidade e política. Consequentemente, na *GD*, a história dos povos dinamarqueses é interpretada de acordo com o padrão clássico. Atos e decisões políticas são avaliados de acordo com a ética romana representada por escritores como Cícero e Sêneca. A história, portanto, funcionava como uma professora racional da diferença entre o certo e o errado”¹²⁵.

Assim, Saxo não deixa de avaliar e julgar, em diversos momentos, o comportamento de seus personagens sob uma ótica cristã. Condena a ganância, a preguiça e a ostentação material; ao passo que exalta o bom comportamento de alguns de seus heróis guerreiros. Muitos autores já perceberam na *GD* o uso dos *exempla* com fins didáticos e disciplinatórios¹²⁶, e mesmo sua justaposição com as virtudes platônicas amplamente debatidas entre os classicistas do século XII.

O platonismo de Saxo é estudado em minúcia na dissertação de mestrado de André Muceniecks, a qual foi bastante elucidativa para este estudo. Muceniecks trabalha com o mesmo objeto que eu, mas com uma temática diferenciada: partindo do conceito do “tema do conselheiro” – no qual todo rei ou líder político necessitava de um conselheiro para guiá-lo no poder –, o historiador demonstra em seu trabalho como Saxo procura defender na *GD* a necessidade da presença de um clérigo, detentor de sabedoria, no aconselhamento dos líderes terrenos¹²⁷. Para tanto, Muceniecks analisa as virtudes cardinais de Platão: *fortitudo* – a força física e de caráter; *iustitia* – a justiça; *prudencia* – a prudência e o bom senso; e a *temperantia* – a moderação. Além das virtudes platônicas na *GD*, eu percebo também a relação entre aquelas e o ideal de cavalaria medieval que, na época de sua escrita, tornava-se cada vez mais popular em toda a Europa, circulando em meio à sociedade cortesã dinamarquesa.

¹²⁵ “Like his contemporary European colleagues, Saxo had the classical concept that the function of history was used to illustrate eternal truths concerning human qualities and characteristics such as different virtues and vices. The authors of the twelfth-century renaissance regarded the classical Greek-Roman era as a golden age, and it served as a model for morality and politics. Consequently, in *GD*, the history of the Danish people is interpreted in accordance with a classical pattern. Political acts and decisions are valued according to the Roman ethics represented by writers such as Cicero and Seneca. History, therefore, functioned as a rational teacher of the difference between right and wrong”. Idem, *ibidem*, p. 265.

¹²⁶ Vide SAWYER, Birgit. *Valdemar, Absalon and Saxo: historiography and politics in Medieval Denmark*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*; tome 63 fasc. 4, 1985. *Histoire médiévale, moderne et contemporaine*, pp. 685-705. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_1985_num_63_4_3518>, acesso em 30/09/2013; HERMANSON, *op. cit.*, entre outros.

¹²⁷ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 12.

A estrutura da narrativa da *GD* já foi também motivo de discussões entre os acadêmicos, e mencionarei algumas das teses mais conhecidas¹²⁸. Birgit Sawyer sugere ver a divisão em duas partes da obra como uma analogia entre o Velho e o Novo Testamento¹²⁹, pois a primeira parte lida com a Dinamarca pagã, passando pelo nascimento de Cristo e mostrando o início do processo de expansão do cristianismo; enquanto a segunda lida com o período de vida de Saxo, com destaque para a atuação dos Valdemares nas cruzadas setentrionais. Outras interpretações procuram compreender a estrutura da obra com a concepção de história de Saxo, como a colocada anteriormente por Lars Hermanson. Outros, ainda, descrevem a narrativa como uma tentativa universalista do clérigo, como a historiadora Inge Skovgaard-Petersen, cuja tese é explicada por Ibañez Lluçh:

“(…) considera que Saxo redigiu sua obra seguindo as pautas do gênero medieval chamado *chronica universalis*. Tal gênero concebe a história universal como um todo, desde a origem do mundo ou nascimento de Cristo até os dias de seu autor, e recorre a uma divisão do tempo em idades ou reinos e a comparações tipológicas. Os autores deste gênero consideram a história como um período limitado, e tentam situar sua própria época dentro do conceito divino de salvação”¹³⁰.

As fontes que Saxo utilizou para compor a *GD* também são incertas. No prefácio à obra, além de exaltar seus dois patronos, ele agradece aos literatos islandeses por terem sido fonte de boa parte de sua inspiração¹³¹. De acordo com Ibañez-Lluçh, Saxo teria adaptado não só os poemas islandeses e as sagas de Snorri Sturlusson, mas também outras que poderiam ter se perdido no tempo - além da já mencionada saga dos reis dinamarqueses, a *Skjoldunga saga*. São elas: a *Saga de Hadding* (cuja trama aparece no livro I), a *Saga de Frode* (livro II), a *Saga de Höd* (livro III, ainda que esta última estivesse mais baseada em uma tradição local dinamarquesa do que em uma antiga *fornaldarsaga* islandesa), a *Saga de Eric, o Eloquent* (livro V), a *Saga de Fridleif* (livro VI), a *Saga de Óli, o Valente* (livros VII e VIII), e a *Saga de Thorkel, o Nobre Viajante* (livro VIII)¹³².

¹²⁸ Para uma análise mais detalhada das possibilidades de interpretação da estrutura da obra, ver KVÆRNDRUP, Sigurd. *The Composition of the Gesta Danorum and the Place of Geographic Relations in its Worldview*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

¹²⁹ SAWYER, *op. cit.*, p. 687.

¹³⁰ “(…) considera que Saxo redactó su obra siguiendo las pautas del género medieval llamado *chronica universalis*. Dicho género concibe la historia universal como un todo, desde el origen del mundo o el nacimiento de Cristo hasta los días de su autor, y recurre a una división del tiempo em edades o reinos y a comparaciones tipológicas. Los autores de este género consideran la historia como un período limitado e intentan situar su propia época dentro del concepto divino de la salvación”. IBAÑEZ LLUCH, *op. cit.*, p. 3.

¹³¹ SAXO, *op. cit.*, p. 65.

¹³² IBAÑEZ LLUCH, *op. cit.*, p. 6.

Marlen Ferrer defende a possibilidade de se perceber a conduta cortês e o comportamento cavaleiresco na *GD*¹³³, tese que utilizo em minha interpretação da obra. Como afirmado acima, a literatura cortês ainda não havia sido produzida na Dinamarca, e seu desenvolvimento foi posterior ao avanço literário do centro europeu. No entanto, é impossível excluir a hipótese do aparecimento, mesmo que velado, do comportamento cortês e de representações do cavaleiro ideal na *GD* – e mesmo em outras obras literárias escandinavas do período.

Ao longo da obra, Saxo se esmera descrevendo reis e campeões de guerra¹³⁴, dando pouco destaque a camponeses e servos. Quando estes aparecem, normalmente são tratados rapidamente e possuem pouca importância. Os guerreiros que possuem origens humildes são redimidos pela ferrenha lealdade para com seus respectivos monarcas e reinos, pela sagacidade e pela destreza na guerra.

Como veremos no próximo capítulo, o guerreiro na *GD* é um cavaleiro sóbrio, fiel e honrado, que protege os fracos e as mulheres. Alguns desses personagens possuem características que os aproximam do arquétipo do herói indo-europeu e do “modelo heroico”, tal qual elaborado por Philippe Sellier: resumidamente, o herói, em geral, possui origens obscuras, e é frequente a descrição do mesmo sendo abandonado na infância pelos pais biológicos. Ao longo da vida, passa por diversas provações físicas e mentais, muitas vezes em combates contra seres mitológicos, nos quais a virtude e a bravura guerreira vencem obstáculos fabulosos. O herói geralmente termina morrendo de forma heroica, ou seja, em combate, e em muitos casos, acaba por se imortalizar, igualando-se às divindades do panteão ao qual pertence a narrativa¹³⁵. De acordo com o estudioso francês, a análise de romances heroicos, de epopeias e de fragmentos de épicos antigos traz à tona uma tipologia similar em regiões, culturas e épocas diferentes, na qual os traços comportamentais do herói, homens “(...) situados a meio caminho entre a condição dos deuses e da vida humana comum”¹³⁶, se sobressaem. De maneira semelhante, outro estudioso francês, Georges Dumézil, analisa antropologicamente o arquétipo heroico em um espectro mitológico. Em seu estudo *The Stakes of the Warrior*, Dumézil enfatiza a atuação do guerreiro Starkad - que faz parte de várias lendas e folclores de origem germânica¹³⁷ -, e que será analisado no próximo capítulo, pois aparece com destaque na *GD*.

¹³³ FERRER, *op. cit.*, p. 14.

¹³⁴ Mesmo que os guerreiros analisados não sejam daneses, Saxo sempre os representa lutando pela Dinamarca.

¹³⁵ SELLIER, Philippe. Verbete “Heroísmo (o modelo – da imaginação)”. In: BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005; pp. 467-471.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p. 467.

¹³⁷ DUMÉZIL, Georges. *The Stakes of the Warrior*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1983; pp. 9-44 e pp. 71-91.

Tendo em mente as influências da europeização entre os povos escandinavos, da circulação da cultura cortês e da literatura cavaleiresca, da expansão da ideologia da Igreja e do uso da retórica latina para a construção de uma “história nacional”, pode-se afirmar, assim, que Saxo Grammaticus era um agente de europeização¹³⁸. O clérigo dinamarquês representa a história de sua terra natal com cores eclesiásticas,¹³⁹ em moldes típicos dos literatos europeus do seu tempo.

Mesmo que a discussão de gênero não faça parte deste trabalho, outro aspecto a ser mencionado é o tratamento que Saxo dá às personagens femininas na *GD*. É fato que, durante todo o período medieval – e, pode-se dizer, até recentemente –, a imagem das mulheres foi denegrada pela ideologia da Igreja, que as considerava fracas, maliciosas, e facilmente tentadas por poderes malignos, devendo ser mantidas dentro do lar, sob o domínio dos homens da família – pais, irmãos ou maridos. O clérigo dinamarquês parece compartilhar esse pensamento: na obra, em geral, as mulheres são astutas e traiçoeiras, e mesmo cruéis - praticam embustes, tiram os personagens masculinos do caminho da virtude e da sobriedade, ou aparecem rapidamente e com pouco destaque¹⁴⁰.

Saxo também menciona com frequência a interferência do sobrenatural e de seres comuns à cosmologia escandinava – além de mesclar a ela elementos do paganismo greco-romano. Um fato interessante é a opinião do clérigo sobre os deuses pagãos nórdicos, que aparece, por exemplo, no livro VI. Nele, Saxo faz uma digressão explicando que Odin, Thor e os outros não são deuses, mas indivíduos dotados de poderes mágicos que iludiam a população inculta, fazendo-a crer piamente na religião politeísta pagã:

“Porque havia nos velhos tempos certos homens versados em feitiçaria, Thor, por exemplo, e Odin, e muitos outros, que eram astutos em maquirar truques maravilhosos, e eles, conquistando as mentes dos simplórios, começaram a reivindicar o posto de deuses. Pois, em particular, eles ludibriaram a Noruega, a Suécia e a Dinamarca na mais vã credulidade, e solicitando que essas regiões os adorassem, infectou-as com seu embuste. Os efeitos de sua enganação se espalharam tanto que quase todos os homens adoravam uma espécie de poder divino neles e, pensando-os tanto deuses quanto em conluio com os deuses, ofereciam orações solenes para esses inventores de feitiçarias, e deram ao erro blasfemo a honra devida à religião”.¹⁴¹

¹³⁸ BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 260.

¹³⁹ *Idem, ibidem*, p. 336.

¹⁴⁰ Para maiores detalhes acerca do papel da mulher na *GD* e também sobre as políticas matrimoniais na obra, ver NORS, Thyra. *Marriage and Politics in Saxo's Gesta Danorum*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

¹⁴¹ “For there were of old certain men versed in sorcery, Thor, namely, and Odin, and many others, who were cunning in contriving marvellous sleights; and they, winning the minds of the simple, began to claim the rank of gods. For, in particular, they ensnared Norway, Sweden and Denmark in the vainest credulity, and by prompting these lands to worship them, infected them with their imposture. The effects of their deceit spread so far, that all other men adored a

Mesmo enquanto agente de europeização, Saxo não deixa de tecer críticas a algumas mudanças que ocorriam no sistema político e cultural da Dinamarca – algumas já mais cristalizadas, outras ainda em andamento. Como meu objetivo não é fazer uma análise política da *GD*, vou citar algumas dessas críticas, que também são alvo de discussões entre os acadêmicos que estudam a obra, além de mencionar outros fatores peculiares que aparecem na mesma.

O anti-germanismo¹⁴² que Saxo expressa na *GD* é consequência das relações tumultuadas com o Sacro Império, especialmente em relação às disputas por hegemonia entre o arcebispado de Lund e o de Hamburgo-Bremen - pois Saxo, como se sabe, trabalhava para o arcebispado de Lund.

Frequentando a corte valdemariana, é impossível dissociar certos elementos da *GD* da realidade política e social ao redor de Saxo. No entanto, algumas mudanças recentes do governo dos Valdemares – como o progressivo abandono do sistema *ledung* – também são criticadas pelo clérigo, que vê nisso uma “extravagância teutônica”.

Na opinião de Birgit Sawyer, Saxo também defende a eleição dos reis dinamarqueses, criticando a “moda” da monarquia hereditária que vinha do centro cristão. Nos primeiros nove livros da *GD*, somente um rei é sucedido diretamente por seu filho, ao passo que todos os outros – mesmo geralmente pertencendo à família do rei falecido – são aclamados pelo povo¹⁴³. No livro I, Saxo afirma que:

“Os antigos, quando estavam por escolher um rei, eram acostumados a postarem-se em pedras plantadas na terra, e proclamar seus votos, a fim de prefigurar a partir da firmeza das pedras se o ato seria duradouro.”¹⁴⁴

Saxo, assim, defende um antigo costume germânico. No entanto, a propaganda política que ele empreende não é pela monarquia em si, mas sim pela centralização do governo, que deveria ser liderado não mais pela união entre as aristocracias provinciais e o rei, mas sim, por uma aliança entre o monarca e a Igreja.

No mesmo período de escrita da *GD*, outro clérigo dinamarquês, Sven Aggensen, também escreveu uma história da Dinamarca, a *Brevis Historia Regum Dacie* (1186). Aqui, temos um exemplo da disputa pelo poder entre as duas famílias poderosas da Dinamarca no período: Saxo

sort of divine power in them, and, thinking them either gods or in league with gods, offered up solemn prayers to these inventors of sorceries, and gave to blasphemous error the honour due to religion”. SAXO, *op. cit.*, p. 237. Após essa explicação, Saxo também demonstra que, em dinamarquês – e o mesmo ocorre com as outras línguas escandinavas, com o alemão e com o inglês –, os nomes dos dias da semana se originaram dos deuses pagãos: quinta-feira, por exemplo, virou o “dia de Thor” (“Thursday”).

¹⁴² Saxo trata os germânicos de forma aleatória, chamando-os ora de “saxões”, ora de “teutões”.

¹⁴³ SAWYER, *op. cit.*, p. 698.

¹⁴⁴ “The ancients, when they were to choose a king, were wont to stand on stones planted in the ground, and to proclaim their votes, in order to foreshadow from the steadfastness of the stones that the deed would be lasting”. SAXO, *op. cit.*, p. 72.

circulava entre os Valdemares e a família Skjalm-Hvide, ao passo que Sven era ligado à família rival, os Thurgots. As diferenças na forma de escrita das duas obras – a *GD* e a *Brevis Historiae* de Sven – representam, em parte, as rixas entre os dois clérigos:

“Existem realmente diferenças significativas entre esses dois escritores: Sven escreveu a história dos reis dinamarqueses e, concentrando explicitamente naqueles que mereciam louvor, usou todos os panegíricos de seu tempo. Ele dificilmente menciona clérigos, mas, ao invés disso, ressaltou o papel da aristocracia secular, fiel à dinastia real. (...) Saxo, por outro lado, escreveu tanto sobre bispos quanto sobre reis. Ele evitou panegíricos reais e tratou sobre “maus” reis em extensão, assim tendo oportunidade para expressar críticas aos governantes.”¹⁴⁵

Além disso, Saxo defende a necessidade da presença da aristocracia, mas não a hereditária:

“Saxo se refere a outro tipo de aristocracia, a de talento. Para Saxo, não era somente o nascimento nobre e a ancestralidade gloriosa que contavam, mas às vezes ainda mais, a sagacidade, a eloquência e a habilidade. Homens com tais qualidades, mesmo de origem humilde, aparecem com frequência como heróis na *GD*, e pode-se suspeitar que Saxo estaria escrevendo em seu próprio interesse.”¹⁴⁶

Nos últimos livros da obra, Saxo traça um panorama da atuação dos dinamarqueses nas cruzadas setentrionais e, em diversos momentos, glorifica mais a atuação do arcebispo Absalão do que a dos próprios reis. Como demonstrado anteriormente, Saxo teria escrito a segunda parte primeiro, enquanto Absalão ainda era vivo, o que indica uma possível explicação para tal característica da obra. Da mesma forma, Saxo defendia a aliança entre os poder monárquico centralizado e a Igreja, e tece críticas a seus monarcas, mesmo trabalhando para eles. A exaltação do povo dinamarquês e a glorificação do arcebispo Absalão se encontram no prefácio à obra:

“Visto que todas as outras nações estão acostumadas a alardear a glória de suas realizações, e colher alegria da lembrança de seus antepassados, Absalão, arcebispo dos dinamarqueses, sempre consumido pelo zelo de

¹⁴⁵ “There are indeed significant differences between these two writers: Sven wrote the history of the Danish kings and, explicitly concentrating on those worth praising, used all the panegyrics of the day. He hardly mentioned clerks but, instead, stressed the role of the secular aristocracy, faithful to the royal dynasty. (...) Saxo, on the other hand, wrote about bishops as well as kings. He avoided royal panegyrics and treated "bad" kings at length, thereby having an opportunity to express criticism of rulers”. SAWYER, *op. cit.*, p. 688. A explicação de Sawyer se aplica aos últimos livros da *GD* que, como já colocado, tratam do período contemporâneo a Saxo, e que não serão analisados com detalhes neste trabalho.

¹⁴⁶ “Saxo refers to another kind of aristocracy, of talent. For Saxo it was not only noble birth and glorious ancestry that counted, but, sometimes even more, wit, eloquence and ability. Men with such qualities, though of humble origin, often appear as heroes in *GD* and one may suspect that Saxo was here writing on his own behalf”. Idem, *ibidem*, idem. A maioria dos estudiosos acredita que Saxo pertencia à aristocracia. Portanto, a afirmação da historiadora condiz com o interesse no reconhecimento dos méritos do clérigo como membro do círculo de letrados dinamarquês, que se tornava cada vez mais influente entre as elites do reino.

glorificação da nossa terra, e que não poderia sofrer com a espoliação da mesma sem uma obra de igual renome, lançou sobre mim, o menor de seus seguidores - uma vez que todos os outros recusaram tarefa - o trabalho de compilar em uma crônica a história da Dinamarca (...)”¹⁴⁷.

A época das cruzadas representou para a Dinamarca a necessidade de união frente aos inimigos externos. De acordo com Muceniecks, as circunstâncias das cruzadas mascaram as possíveis desavenças e tensões internas¹⁴⁸, e Saxo, mesmo criticando seus soberanos, tem bastante cuidado ao fazê-lo, enfatizando sempre a ação conjunta entre monarquia e Igreja – mesmo dando uma glória especial ao arcebispo Absalão, como comentado acima. As cruzadas setentrionais, na opinião do clérigo dinamarquês, foram - como atesta Christiansen - “(...) um esforço magnífico de uma nação guerreira sob a liderança de dois salvadores: Absalão e Valdemar”¹⁴⁹.



Mapa 04 – Área aproximada dos assentamentos de tribos bálticas no século XII. Retirado de http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Baltische_St%C3%A4mme_um_1200.svg, acesso em 25/11/2013.

¹⁴⁷ “Forasmuch as all other nations are wont to vaunt the glory of their achievements, and reap joy from the remembrance of their forefathers: Absalon, Chief Pontiff of the Danes, whose zeal ever burned high for the glorification of our land, and who would not suffer it to be defrauded of like renown and record, cast upon me, the least of his followers - since all the rest refused the task - the work of compiling into a chronicle the history of Denmark (...)”. SAXO, *op. cit.*, p. 63.

¹⁴⁸ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 103.

¹⁴⁹ “(...) a wholly magnificent effort by a warrior nation under the leadership of two heroic saviours: Absalon and Valdemar”. CHRISTIANSEN, *op. cit.*, idem.

A condenação constante dos pagãos eslavos nas fronteiras da Dinamarca – os vendos, os curônios, os semgaleses e os latgalenses¹⁵⁰ (vide mapa 04) –, também é outro fator constante na *GD*. Ele indica que Saxo defendia as cruzadas avidamente, como um bom dinamarquês cristão, ansioso por defender a supremacia do reino e solidificar fronteiras não só políticas, mas também religiosas e sociais. Um fato interessante é que, em vários momentos da obra, Saxo cita um “Helesponto”, região de vários conflitos entre os povos escandinavos e as tribos bálticas. É provável que, na verdade, o “Helesponto” do clérigo dinamarquês seja o forte semgálio de Daumgale, que se ligava à foz do rio Daugava e constituía uma rota para Bizâncio¹⁵¹ – e que, na época, além de ser um entreposto de intercâmbios comerciais e culturais entre os dois povos, ligava o Norte às rotas mercantis orientais.

Antes de passar às reflexões sobre alguns guerreiros da *GD*, tomarei um momento para analisar brevemente duas partes da obra que representam, em grande medida, a temática deste trabalho. Primeiramente, destacarei a digressão feita por Saxo no livro IV, na qual ele descreve quatro tipos de guerreiros. Em seguida, comentarei a narração na obra da batalha de Bravalla, que ocorre no livro VIII. Procuo, com isso, refletir sobre as opiniões do clérigo acerca da conduta do guerreiro e sua atuação em campo de batalha.

No livro IV, em meios às desventuras do rei Amleth, Saxo faz uma digressão para analisar o que chama de os quatro tipos de guerreiros. Nessa pequena análise, é possível discernir aspectos importantes que ligam o ideal de cavalaria com a construção da imagem do guerreiro na *GD*. Para Saxo,

“Havia quatro tipos de guerreiros a serem distinguidos em cada exército. Os lutadores da primeira ordem eram aqueles que, temperando valor com contenção, eram ávidos em matar aqueles que resistiam, mas envergonhavam-se de perseguir os fugitivos. Pois estes eram homens que haviam ganhado provas indubitáveis de proeza em experiências veteranas de guerra, e que encontravam sua glória não na fuga dos vencidos, mas em vencer aqueles que estavam por ser conquistados.”¹⁵²

Os primeiros guerreiros, portanto, eram valentes, mas prudentes e honrados, seguindo o valor cortês de respeitar o guerreiro que se rende ou cai por terra.

¹⁵⁰ Para maiores detalhes sobre as possíveis opiniões de Saxo sobre os povos bálticos, ver BARANAUSKAS, Tomas. *Saxo Grammaticus on the Balts*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

¹⁵¹ MUCENIECKS, *op. cit.*, pp. 121-122.

¹⁵² “(...) there were four kinds of warrior to be distinguished in every army. The fighters of the first order were those who, tempering valour with forbearance, were keen to slay those who resisted, but were ashamed to bear hard on fugitives. For these were the men who had won undoubted proofs of prowess by veteran experience in arms, and who found their glory not in the flight of the conquered, but in overcoming those whom they had to conquer”. SAXO, *op. cit.*, p. 165.

“Depois havia um segundo tipo de guerreiros, que eram dotados de forte estrutura e espírito, mas sem um pingo de compaixão, e que se enfureciam em uma carnificina selvagem e indiscriminada contra as costas e o peito de seus inimigos. Agora deste tipo eram os homens carregados pelo sangue jovem e quente, se esforçando para honrar sua primeira campanha com bons augúrios de guerra. Eles queimavam tão acaloradamente tanto com o brilho da juventude quanto com o brilho da glória, e, assim, se precipitavam contra certo ou errado com igual imprudência”.¹⁵³

Os guerreiros do segundo tipo primavam pela carnificina. Saxo ressalta a falta de compaixão e de ponderação desses guerreiros, virtudes que, para ele, eram inseparáveis do ofício da guerra. Vale notar também que a caracterização desses guerreiros – que se deixavam tomar por um imprudente furor de batalha – assemelha-os ao estereótipo do *berserker*¹⁵⁴, como atesta Muceniecks¹⁵⁵.

Saxo prossegue sua digressão:

“Havia também o terceiro tipo, que, oscilando entre vergonha e medo, não conseguia ir a frente por terror, enquanto sofriam a vergonha da retirada. De sangue distinto, mas apenas notáveis por seu status inútil, eles enchiam as fileiras com os números e não com força, ferindo o inimigo mais com suas sombras do que com seus braços, e só eram contados entre a multidão de guerreiros como corpos que podiam ser vistos. Estes homens eram senhores de grandes riquezas, mas destacavam-se mais no nascimento do que na bravura; com fome de vida por possuir grandes posses, eles foram forçados a se render à influência da covardia ao invés da nobreza”.¹⁵⁶

Havia, ainda, um quarto tipo, que:

“(…) trazia ostentação para a guerra, e não a substância, e que, colocando-se na retaguarda de seus companheiros, eram os primeiros a fugir e os últimos a lutar. Um sinal seguro de medo traía sua fraqueza,

¹⁵³ “Then there was a second kind of warriors, who were endowed with stout frame and spirit, but with no jot of compassion, and who raged with savage and indiscriminate carnage against the backs as well as the breasts of their foes. Now of this sort were the men carried away by hot and youthful blood, and striving to grace their first campaign with good auguries of warfare. They burned as hotly with the glow of youth as with the glow of glory, and thus rushed headlong into right or wrong with equal recklessness”. Idem, *ibidem*, p. idem.

¹⁵⁴ Os *berserker* eram guerreiros que geralmente ficavam na vanguarda dos exércitos, considerados os mais valentes e temidos de todos. As descrições desses guerreiros nas sagas islandesas os representam com uma natureza ambígua: ora são campeões de guerra, ora trapaceiros e mesmo covardes. O comportamento mais comum do *berserker* é quando este entrava em um estado de êxtase violento, uivando como um lobo e mordendo as bordas de seu escudo, aterrorizando o exército adversário. SHORT, *op. cit.*, p. 55.

¹⁵⁵ MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 126.

¹⁵⁶ “There was also the third kind, who, wavering betwixt shame and fear, could not go forward for terror, while shame barred retreat. Of distinguished blood, but only notable for their useless stature, they crowded the ranks with the numbers and not with strength, smote the foe more with their shadows than with their arms, and were only counted among the throng of warriors as so many bodies to be seen. These men were lords of great riches, but excelled more in birth than bravery; hungry for life because owning great possessions, they were forced to yield to the sway of cowardice rather than nobleness”. SAXO, *op. cit.*, idem.

pois eles sempre deliberadamente procuravam desculpas para fugir, e seguiam com o avanço tímido e lento na parte traseira dos lutadores.”¹⁵⁷

Saxo, assim, critica os guerreiros que, mesmo de nobre nascimento, não se fazem necessariamente úteis em batalha. Mostra, com isso, a importância das façanhas e do mérito da atuação em guerra ao invés do status vindo do berço - que não indica bravura nem honra. Da mesma forma, o clérigo condena a covardia e a fuga em batalha, atos inadmissíveis para a conduta do guerreiro, e que aparece como características do terceiro e quarto tipos.

Tendo sua visão de guerreiro em mente, passo agora a tratar da batalha de Bravalla. Esta batalha - uma luta grandiosa entre Dinamarca e Suécia - teria ocorrido no período pré-viking da Escandinávia, e aparece em outras fontes islandesas. Os estudiosos possuem opiniões diferentes a respeito, mas a maioria concorda que a batalha nunca ocorreu, e ela se coloca, portanto, como uma luta lendária e apoteótica entre os povos nórdicos.

Os dinamarqueses eram comandados pelo rei Harald, que Saxo apresenta como cego e idoso. Lutando do lado da Dinamarca, aparecem contingentes de saxões, eslavos e livônios. A Suécia era comandada pelo rei Ring, com a presença de guerreiros da Curlândia e da Estônia. Nesse episódio, pode-se perceber o conhecimento profundo que Saxo tinha da geopolítica de seu tempo¹⁵⁸. Na época da escrita da obra, o rei Valdemar II já havia conquistado a Livônia e parte dos povos eslavos, enquanto as relações com os germânicos, particularmente a Saxônia, tinham atingido um momento de trégua. No entanto, no mesmo período, os povos curônios e os estonianos ainda não haviam sido conquistados pela Dinamarca, e Saxo, portanto, representa-os combatendo ao lado do exército inimigo.

A batalha é retratada pelo clérigo com tons quase apocalípticos, assemelhados ao Ragnarok viking – o crepúsculo dos deuses. Por isso, pode-se considerar que a narração da batalha, na *GD*, é o momento de transição entre a parte “mítica” e pagã da obra para a parte “histórica” e cristã¹⁵⁹.

A forma da narrativa também corresponde ao novo modelo de sociedade hierarquizada com os padrões do centro católico. Somente os grandes líderes são descritos, e os exércitos são representados demonstrando seu esplendor bélico, junto a descrições de brasões e estandartes. Blomkvist levanta a hipótese da descrição de Saxo ter elementos similares aos das narrativas das canções de gesta, nas quais, da mesma forma, o desfile de heróis antes da batalha assume um caráter

¹⁵⁷ (...) who brought show to the war, and not substance, and who, foisting themselves into the rear of their comrades, were the first to fly and the last to fight. One sure token of fear betrayed their feebleness; for they always deliberately sought excuses to shirk, and followed with timid and sluggish advance in the rear of the fighters”. Idem, *ibidem*, pp165-166.

¹⁵⁸ Ao dissertar sobre o episódio, Blomkvist chega a chamar o clérigo dinamarquês de “Saxo Geographicus”. BLOMKVIST, *op. cit.*, p. 247.

¹⁵⁹ Idem, *ibidem*, pp. 241-242.

quase ritual¹⁶⁰. A Dinamarca acaba perdendo para a Suécia, e o clérigo procura adaptar os acontecimentos para o público dinamarquês, engrandecendo o seu lado na batalha para que os reis dinamarqueses do período pudessem clamar dela sua herança moral de soberania.

Ainda, Saxo descreve minuciosamente a topografia do campo de batalha e, quando fala dos aliados dos dinamarqueses e dos suecos, exalta sua bravura em combate, mesmo que os chame também de “bárbaros” quando se trata de guerreiros pagãos.

No capítulo a seguir, passarei às reflexões que são o tema principal deste trabalho. Procurarei demonstrar como Saxo representa seus guerreiros enquanto cavaleiros exemplares, com um objetivo quase civilizatório, espelhando não só os acontecimentos políticos ao seu redor, mas também novos códigos comportamentais e culturais, mesmo que não o fizesse de maneira consciente.

4.1 Os guerreiros da *História da Dinamarca*

No prefácio à obra, como já citado, Saxo dá suas principais motivações para a escrita da *GD*. Sob o patronato dos arcebispos Absalão e Anders Sunensen, o clérigo busca reunir em uma só obra as façanhas de seus ancestrais, engrandecendo a Dinamarca perante as monarquias de outros reinos.

No livro I, Saxo inicia demonstrando a origem remota e comum de dinamarqueses e ingleses¹⁶¹:

“(…) Dan e Angul, com quem a decendência dos dinamarqueses começa, foram gerados de Humble, seu pai, e foram os governantes e não apenas os fundadores de nossa raça. (...) Destes dois, Angul, a fonte - assim corre a tradição - dos primórdios da raça ânglica, teve o seu nome aplicado ao distrito ao qual governou. Este era um tipo simples de memorial para imortalizar sua fama: pois seus sucessores um pouco mais tarde, quando ganharam a posse da Britânia, mudaram o nome original da ilha por um título novo, o de sua própria terra”.¹⁶²

A seguir, temos o primeiro guerreiro a ser destacado por suas virtudes e comportamento exemplar: Gram,

“(…) cujos maravilhosos talentos tinham tão fortemente o sabor das virtudes de seu pai que ele estava destinado a seguir os seus passos. Os dias da juventude de Gram foram enriquecidos com seus destacados

¹⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 244.

¹⁶¹ Essa ancestralidade comum também é vista em outras obras literárias medievais, como a saga de *Beowulf*, de autoria anônima, escrita em algum momento entre os séculos V e X, na qual aparecem as relações entre os dois reinos.

¹⁶² “(…) Dan and Angul, with whom the stock of the Danes begins, were begotten of Humble, their father, and were the governors and not only the founders of our race. (...) Of these two, Angul, the fountain, so runs the tradition, of the beginnings of the Anglian race, caused his name to be applied to the district which he ruled. This was an easy kind of memorial wherewith to immortalise his fame: for his successors a little later, when they gained possession of Britain, changed the original name of the island for a fresh title, that of their own land.” SAXO, *op. cit.*, p. 72.

talentos tanto da mente quanto do corpo, e ele os ergueu ao auge do renome. A posteridade fez tanta homenagem à sua grandeza que nos poemas mais antigos da dignidade real danesa seu nome está colocado. Ele praticava com o mais zeloso treinamento o que quer que servisse para aguçar e reforçar os poderes de seu corpo. Ensinado por lutadores de espada, ele treinou-se sozinho pela prática diligente a aparar e lidar com golpes.”¹⁶³

Gram é, portanto, um fabuloso guerreiro. Ele vai à Gotlândia salvar a princesa sueca Groa de um gigante, assumindo a postura de proteção às donzelas digna de um cavaleiro. Com a ajuda essencial de seu escudeiro Bess - ajuda que é alvo de discussão por Muceniecks, encaixando-se em seu “tema do conselheiro”¹⁶⁴ -, ela é salva. Em uma reviravolta com características típicas das temáticas literárias nórdicas, Gram acaba por matar o pai de Groa, o rei da Suécia. Recebe, por isso, parte do reino dinamarquês como presente de seu pai, algo que Saxo justifica em razão de suas “maravilhosas façanhas”¹⁶⁵.

O resgate de uma donzela aprisionada por um gigante – simbiose interessante dos seres mitológicos da Escandinávia com a temática do cavaleiro nobre –, e as façanhas guerreiras de Gram, portanto, o transformam em um cavaleiro ideal.

A seguir, Hadding e seu irmão Guthorm aparecem na narrativa. Ambos eram filhos de Gram – mas de mães diferentes –, que havia sido morto pelo rei norueguês Swipdag. Atenção especial é dada a Hadding, que representa, assim, outro grande rei guerreiro da *GD*. Saxo esmera-se em descrevê-lo:

“A natureza deste homem era tão polida e próspera que, desde sua juventude, lhe foi concedida a excelência de sua masculinidade. Deixando a busca do prazer, ele era constantemente zeloso em exercícios bélicos, lembrando que era filho de um pai guerreiro, e estava fadado a passar todo o tempo de sua vida em feitos de guerra.”¹⁶⁶

Hadding é movido, portanto, pelo desejo de obter façanhas guerreiras, deixando prazeres terrenos de lado. Além disso, busca constantemente vingar a morte de seu pai Gram.

¹⁶³ “(...) whose wondrous parts savoured so strongly of his father’s virtues that he was deemed to tread in their very footsteps. The days of Gram’s youth were enriched with surpassing gifts of mind and body, and he raised them to crest of renown. Posterity did such homage to his greatness that in the most ancient poems of the Danes royal dignity is implied in his very name. He practiced with the most zealous training whatsoever serves to sharpen and strengthen the bodily powers. Taught by fencers, he trained himself by sedulous practice to parrying and dealing blows.” Idem, *ibidem*, p. 74.

¹⁶⁴ MUCENIECKS, *op. cit.*, pp. 108-109.

¹⁶⁵ “Marvelous prowess”. SAXO, *op. cit.*, p. 77

¹⁶⁶ “This man’s nature was so waxed and throve that in the early season of his youth he was granted the prime of his manhood. Leaving the pursuit of pleasure, he was constantly zealous in warlike exercises; remembering that he was the son of a fighting father, and was bound to spend his whole span of life in approved deeds of warfare”. Idem, *ibidem*, p. 80.

A seguir, Hadding recebe a ajuda de um andarilho de nome Lysir, identificado por alguns estudiosos como o deus Odin disfarçado, e emprega diversos combates singulares com maestria. Em um dado momento, ao observar o mar sozinho durante a noite, Hadding mata um monstruoso animal marinho, para descobrir depois que o mesmo era sagrado. Para apaziguar a ira dos deuses – que passaram a puni-lo com tempestades inesperadas que dizimavam constantemente os homens de sua tripulação –, Hadding é levado a oferecer um sacrificio humano ao deus Frey¹⁶⁷. Saxo, como se verá a seguir, condena ferrenhamente tal costume pagão, mas nesse episódio, procura enfatizar a relação constante dos guerreiros com as divindades nórdicas.

Após ouvir notícias falsas de sua morte, o rei Hunding da Suécia, determinado a honrar a memória do amigo Hadding, faz uma oferenda na forma de um jarro gigantesco de hidromel, que passa em procissão em meio a um festejo. No entanto, o jarro quebra-se e o rei morre afogado na bebida. Quando Hadding fica sabendo deste infortúnio, toma uma atitude dramática e suicida-se, em retribuição e agradecimento ao esforço do amigo morto¹⁶⁸.

No livro II, Hadding é sucedido por seu filho Frode II¹⁶⁹:

“Cujas fortunas foram muitas e mutáveis. Quando ele passou dos anos de adolescência, mostrou a plenitude da valentia de um guerreiro e, para evitar que isto fosse estragado pela preguiça, ele afastou sua mente de deleites, e com perseverança se empenhou nas armas.”¹⁷⁰

Frode, portanto, também se afasta de prazeres mundanos e empenha-se em ser, além de rei, um guerreiro sóbrio e exemplar. Após conquistar a Frísia, faz uma expedição às ilhas britânicas. Vendo o tamanho do exército inimigo antes de iniciar o combate, Frode ordena que seus guerreiros abandonem toda e qualquer riqueza que possuíssem pelo caminho, pois sua única chance de vencer era apelar à ganância do inimigo. A estratégia funciona e, tão logo veem os tesouros pelo caminho, os britânicos se distraem juntando-os, e Saxo nos informa que:

“Ali você poderia ter se maravilhado com sua disposição para a ganância imunda, e assistir a um espetáculo portentoso de avareza. Você poderia ter visto ouro e grama agarrados juntos; o nascimento da discórdia doméstica; compatriotas em combate mortal, sem se importar com o inimigo; a negligência

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 88.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 95.

¹⁶⁹ Tendo em vista a quantidade personagens que aparecem na *GD* com o nome de Frode, será empregada aqui a mesma estratégia usada por André Muceniecks, enumerando-os conforme a cronologia da obra.

¹⁷⁰ “whose fortunes were many and changeful. When he had passed the years of a stripling, he displayed the fullness of a warrior’s prowess; and being loth that this should be spoilt by slothfulness, he sequestered his mind from delights and perseveringly constrained it to arms”. Idem, *ibidem*, p. 96.

aos laços de camaradagem e do respeito aos vínculos; a cobiça o objeto de todas as mentes, e a amizade de ninguém”.¹⁷¹

Portanto, esquecendo-se dos ideais nobres do combate e da retidão, os britânicos acabam por serem derrotados por sua avareza e ganância, as quais Saxo critica claramente.

A seguir, outro rei guerreiro aparece: Rolf¹⁷², filho incestuoso de Helge e sua filha Urse. Mas, como conta Saxo, Rolf “(...) recuperou a vergonha de seu nascimento por atos de bravura; e seu lustro superior foi homenageado com brilhantes elogios pela memória de todos nos tempos que se sucederam”¹⁷³. Ainda, nas palavras de Saxo, Rolf “(...) era gracioso em todas as dádivas da mente e do corpo”¹⁷⁴.

Neste período, de acordo com o clérigo, a Suécia estava subjugada à Dinamarca. O líder dos suecos, Athisl, casa-se com a mãe de Rolf, unindo as famílias na tentativa de diminuir os tributos pagos aos dinamarqueses – pois, segundo Saxo, o sueco era extremamente ganancioso, sovina e perverso. Ao perceber a natureza do novo marido, Urse, a mãe do rei danês, incita o sueco à rebelião, procurando assim fazer com que Rolf fosse até sua corte e a libertasse da união infeliz. Após chegar à Suécia, um jantar é oferecido, e durante o banquete, Athisl e Rolf fazem um duelo de valores na forma de charadas. Os convidados perguntam a Rolf qual tipo de virtude ele considera a mais elevada, e ele escolhe a paciência. Ao fazerem a mesma pergunta a Athisl, a resposta é generosidade. A seguir, provas são exigidas de ambos, e Rolf suporta o fogo para provar sua aliança ao padrasto. Depois disto, Athisl lhe dá um colar. No entanto, esta suposta demonstração de generosidade se coloca como uma ostentação de riquezas, a soberba, tendo em vista a ganância e crueldade apresentadas por ele. Rolf acaba por fugir levando a mãe e, durante todo o relato, é ele quem demonstra a verdadeira generosidade, configurada pela sua inteligência e pela cortesia de seu comportamento ao salvar sua mãe das garras do marido perverso. Ao mesmo tempo, percebe-se um duelo simbólico feito por Saxo entre a paciência e a avareza¹⁷⁵.

Voltando à Dinamarca, Rolf e seu exército são surpreendidos por um ataque de suecos. Um de seus guerreiros, Hjalte:

¹⁷¹ “There you might have marvelled at their disposition of filthy greed, and watched a portentous spectacle of avarice. You could have seen gold and grass clutched up together; the birth of the domestic discord; fellow countrymen in deadly combat, heedless of the foe; neglect of the bond of comradeship and of reverence of ties; greed the object of all minds, and friendship none”. Idem, *ibidem*, pp. 107-108.

¹⁷² O personagem possui uma saga própria, a *Hrólfs Saga Kraka*, que pode ser usada como fonte por Saxo.

¹⁷³ “(...) retrieved the shame of his birth by deeds of valour; and their exceeding luster is honoured with bright laudation by the memory of all succeeding time”. Idem, *ibidem*, p. 110.

¹⁷⁴ “(...) who was comely with every gift of mind and body”. Idem, *ibidem*, p. 111.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*, pp. 112-114.

“(…) que se sobressaía em bravura entre os nobres do rei, teve a chance de sair na calada da mesma noite para o interior, e se entregou aos braços de uma prostituta. Mas, quando ouviu de longe o barulho crescente de batalha, preferindo valor à libertinagem, ele escolheu procurar os perigos mortais do deus da guerra do que ceder aos apelos suaves do amor. Que amor por seu rei, devemos supor, queimava neste guerreiro!”¹⁷⁶

Assim, abandonando os desejos carnavais, Hjalte deixa a mulher – e, após ouvir os protestos da mesma, corta um pedaço de seu nariz, punindo sua lascívia maculando sua beleza – e vai para a batalha, demonstrando que o serviço ao seu rei era mais importante. O desejo da honra guerreira, a exaltação da coragem e a fidelidade ao rei ficam, portanto, acima da luxúria, e Hjalte se configura como mais um guerreiro de comportamento ideal na *GD*. Fica evidente, ao final da citação acima, que Saxo considera esse comportamento exemplar. Ainda, ao passar por outro guerreiro adormecido – Bjarke –, Hjalte o admoesta longamente para abandonar a preguiça, em um poema exaltado:

“(…) Eu te chamo para a mais dura luta da guerra. Precisamos de batalha, e não de amores gentis (...). Todo aquele que preza a amizade do rei, que ele pegue em armas. A proeza na guerra é o mais rápido avaliador do espírito dos homens. Portanto, que os guerreiros não tenham medo e os bravos não tenham inconstância: que o prazer deixe suas almas e dê lugar às armas”.¹⁷⁷

Ao final, Saxo explica a forma da narrativa em versos – que, infelizmente, perde-se em sua tradução do latim –, afirmando conhecer bem as tradições orais de sua cultura, citando uma canção antiga:

“Eu compus esta série singular de arengas em forma métrica, porque a essência dos mesmos pensamentos é encontrada disposta em forma resumida numa certa canção antiga dinamarquesa, que é repetida de cor por muitos familiarizados com as antiguidades.”¹⁷⁸

No livro III, Saxo apresenta o guerreiro Hother, que é cheio de virtudes e talentos. O clérigo dinamarquês procura mostrar, em Hother, um campeão com uma nova dimensão de valores:

¹⁷⁶ “(…) who was foremost in tried bravery among the nobles of the king, chanced to have gone out in the dead of the same night into the country and given himself to the embraces of a harlot. But when his torpid hearing caught from afar the rising din of battle, preferring valour to wantonness, he chose rather to seek the deadly perils of the War-god than to yield to the soft allurements of Love. What a love for his king, must we suppose, burned in this warrior!”. Idem, *ibidem*, p. 116.

¹⁷⁷ “(…) I call you to the sterner fray of War. We need the battle, and not light love (...). Whoso cherishes friendship for the king, let him take up arms. Prowess in war is the readiest appraiser of men’s spirit. Therefore let warriors have no fearfulness and the brave no fickleness: let pleasure quit their soul and yield place to arms”. Idem, *ibidem*, p. 117.

¹⁷⁸ “I have composed this particular series of harangues in metrical shape, because the gist of the same thoughts is found arranged in a short form in a certain ancient Danish song, which is repeated by heart by many conversant with antiquity”. Idem, *ibidem*, p. 123.

“Enquanto adolescente, ele se destacou na força física entre todos os seus irmãos adotivos e companheiros. Além disso, ele era rápido com o alcance da mente e era muito hábil na natação e tiro com arco (...). Apesar de seus anos ainda não serem maduros, seu espírito ricamente dotado superava a todos. Ninguém era mais hábil na lira ou harpa, e ele era talentoso no tamborim, no alaúde, e em qualquer modalidade de instrumentos de corda. Com mudanças no andamento [nos instrumentos que tocava] ele conseguia influenciar os sentimentos dos homens para quaisquer paixões que ele quisesse; ele sabia como preencher os corações humanos com alegria ou tristeza, com pena ou ódio, e costumava envolver as almas dos ouvintes com a alegria ou terror.”¹⁷⁹

Assim, Hother possui valores e qualidades diferenciados. Além de ser um hábil guerreiro, ele é também um excelente músico, influenciando os ouvintes de formas variadas e sendo aclamado por isso. Assim, às façanhas de guerra, unem-se qualidades e talentos refinados, indicando o comportamento nobre de um cavaleiro cortês.

A seguir, Saxo inicia uma digressão na narrativa, contando que Hother e o deus Balder¹⁸⁰, filho de Odin, disputaram o amor de Nanna, em uma adaptação singular de um dos tantos contos da religião nórdica. Balder vence Hother, mas não leva a donzela. Entretanto, imaginando enxergar a moça continuamente (e assombrado por isso), Balder oferece um sacrifício humano ao deus Frey, o qual Saxo, como mencionado acima, condena:

“Também Frey, regente dos deuses, tomou sua moradia não muito longe de Uppsala, onde ele fazia trocas pela oferenda medonha e infame que era o velho costume de oração por sacrifício, que foi utilizado por tantas eras e gerações. Pois ele [Balder] pagou aos deuses com oferendas abomináveis, começando pelo assassinio de vítimas humanas”.¹⁸¹

É ao final desse livro que Saxo transcorre sobre a história de Amleth, que teria sido a fonte de inspiração de Shakespeare para o “Hamlet” da era elizabetana. Feng, o tio de Amleth, havia matado seu pai e tomado sua mãe como esposa. Para perpetrar sua vingança, Amleth se finge de tolo, escondendo sua astúcia e escapando, em diversas ocasiões, de ser descoberto por seu tio ou por seus companheiros. Feng envia Amleth à Britânia, após combinar com o rei da ilha o assassinato de seu

¹⁷⁹ “While a stripling, he excelled in strength of body all his foster brethren and compeers. Moreover, he was swift with many accomplishments of the mind and was very skilled in swimming and archery (...). Though his years were unripe, his richly-dowered spirit surpassed them. None was more skilful on lyre or harp; and he was cunning on the timbrel, on the lute, and in every modulation of string instruments. With his changing measures he could sway the feelings of men to what passions he would; he knew how to fill human hearts with joy or sadness, with pity or with hatred, and used to unwrap the soul with the delight or terror of the ear”. Idem, *ibidem.*, p. 125.

¹⁸⁰ Lembrando que, para Saxo, os deuses nórdicos não passavam de homens com dons mágicos, que ludibriavam a população antes da chegada do cristianismo.

¹⁸¹ “Also Frey, the regent of the gods, took his abode not far from Uppsala, where he exchanged for a ghastly and infamous sin-offering the old custom of prayer by sacrifice, which had been used by so many ages and generations. For he paid to the gods abominable offerings, by beginning to slaughter human victims”. SAXO, *op. cit.*, p. 130.

sobrinho indesejável. Mas Amleth, após uma série de provas de sua inteligência, ganha a admiração do rei:

“Então o rei adorou a sabedoria de Amleth como se estivesse inspirado, e deu-lhe sua filha para esposa; aceitando somente suas palavras como se estas fossem um testemunho dos céus.”¹⁸²

Ao final, Amleth consegue matar seu tio, e Saxo exalta suas ações: por meio da astúcia e da coragem obteve sua vingança, sendo por isso, na opinião do clérigo, digno de fama imortal¹⁸³.

Durante seu reinado, que entra no livro IV, a figura de Amleth muda lentamente de caráter. Na opinião de Mucenicks, a mudança na forma como Saxo apresenta seu comportamento ocorre em função de suas demonstrações de medo – Amleth foge de uma batalha –, de avareza e de extravagância¹⁸⁴: falhas terríveis em qualquer guerreiro, sobretudo um rei, que deveria se portar como o chefe de guerra.

No livro V, durante a narração de acontecimentos na corte do rei norueguês Gotar, outro valente guerreiro é apresentado: Erik. Ele e seu meio irmão por parte de pai, Roller, recebem uma poção¹⁸⁵ da mãe deste último, a feiticeira Kraka – que pretendia, através da magia, estimular a eficiência mental e física dos dois. Erik percebe que o copo destinado a seu meio-irmão continha o elixir mais forte, e troca-o por meio de um engodo. Ao tomar a poção:

“(…) alcançou pelo trabalho interno da mesma o mais alto grau da sabedoria humana. Pois a potência da refeição criou nele a plenitude de todos os tipos de conhecimento a um grau incrível, de modo que ele tinha astúcia para interpretar até mesmo a fala dos animais selvagens e do gado. Pois ele não só ficou bem versado em todos os assuntos dos homens, mas podia interpretar os sentimentos particulares pelos quais passavam os brutos a partir dos sons que eles expressavam. Ele também foi agraciado com uma eloquência tão cortês e graciosa, que ele adornava tudo o que desejava expor com um fluxo de adágios espirituosos.”¹⁸⁶

Erik, assim, se sobressai em inteligência e habilidade guerreira, além de adquirir todos os tipos de conhecimentos humanos e compreender a linguagem dos animais.

¹⁸² “Then the king adored the wisdom of Amleth as though it were inspired, and gave him his daughter to wife; accepting his bare word as though it were a witness from the skies”. Idem, *ibidem*, p. 150.

¹⁸³ Idem, *ibidem*, p. 152.

¹⁸⁴ MUCENIECKS, *op. cit.*, pp. 88-90.

¹⁸⁵ Saxo chama o elixir de “poção” (“potion”), “bebida” (“drink”) e “refeição” (“meal”). Pode-se pensar que, na verdade, a bebida era um tipo de sopa mágica.

¹⁸⁶ “(…) attained by its inward working to the highest pitch of human wisdom. For the potency of the meal bred in him the fulness of all kinds of knowledge to an incredible degree, so that he had cunning to interpret even the utterances of wild beasts and cattle. For he was not only well versed in all the affairs of men, but he could interpret the particular feelings which brutes experienced from the sounds which expressed them. He was also gifted with an eloquence so courteous and graceful, that he adorned whatsoever he desired to expound with a flow of witty adages”. Idem, *ibidem*, pp. 185-186.

O guerreiro então vai para a corte do rei Frode III da Dinamarca, degenerado e mergulhado no ócio e em depravações. Erik faz uma disputa em forma de charadas com o soberano. Este último perde, mas se maravilha com a inteligência de Erik, que recebe do rei a alcunha de “o Eloquente”¹⁸⁷. A rainha de Frode III, Gotwar, também tenta vencer Erik por meio de uma charada obscena, mas não consegue¹⁸⁸. Então, um dos homens do rei, Westmar, decide testar Erik pela força, pensando que assim poderia vencê-lo. Segue-se uma disputa semelhante a um “cabo de guerra”, na qual Erik sai vencedor. O campeão prova que, além de inteligência, possui incomensurável força física. Ao final, Erik e seus companheiros fogem, levando os tesouros do rei.

Segue-se uma batalha entre as duas partes. O rei Frode acaba por cair no mar, e é salvo por seu adversário Erik. Após ser derrotado por ele, o rei danês demonstra infelicidade extrema, querendo matar-se pela desonra. Cabe a Erik convencê-lo do contrário, colocando-se a serviço do rei e oferecendo a restituição de seus tesouros. É com a ajuda de Erik que o rei Frode III regenera-se, vencendo batalhas sucessivamente contra hunos, eslavos, noruegueses e britânicos, e Saxo o descreve como o rei danês com maiores domínios territoriais até então¹⁸⁹.

Neste relato, Saxo ressalta a honra e a nobreza do guerreiro Erik: salva o próprio inimigo do afogamento, numa atitude nobre e cortês, e ainda oferece a devolução de suas posses como demonstração de amizade.

Após as vitórias grandiosas no exterior, Frode III volta à Dinamarca, estabelecendo um período de paz de 30 anos¹⁹⁰. Esse período prolongado de tranquilidade começa exatamente ao mesmo tempo em que nasce Jesus Cristo, e Saxo não vê nisso uma mera coincidência:

“No mesmo período, o Autor de nossa salvação, chegando à Terra a fim de salvar os mortais, colocou sobre si um manto de mortalidade; em um momento no qual os fogos da guerra foram apagados, e todos os territórios estavam desfrutando a mais calma e tranquila paz. Pensa-se que esta paz então se derramou tão amplamente, tão uniformemente e ininterruptamente por todo o mundo, atendendo não só ao governo terreno, mas também o nascimento divino; e que era uma providência celeste que este extraordinário presente de tempo deve ter sido uma testemunha da presença d’Aquele que criou todos os tempos”¹⁹¹.

¹⁸⁷ Idem, *ibidem*, pp. 191-192.

¹⁸⁸ Idem, *ibidem*, pp. 195-196.

¹⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 224.

¹⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. idem.

¹⁹¹ “About the same time, the Author of our general salvation, coming to the earth in order to save mortals, bore to put on the garb of mortality; at which time the fires of war were quenched, and all the lands were enjoying the calmest and most tranquil peace. It has been thought that the peace then shed abroad so widely, so even and uninterrupted over the whole world, attended not so much an earthly rule as that divine birth; and that it was a heavenly provision that this extraordinary gift of time should be a witness to the presence of Him who created all times”. Idem, *ibidem*, p. 225.

Com isso - mesmo sob o paganismo em uma terra esquecida por Deus -, os escandinavos, na visão de Saxo, beneficiaram-se da paz irradiada pelo nascimento de Cristo e pelos primeiros 30 anos de sua vida.

No livro VI, em meio ao reinado de Frode IV, surge a figura de Starkad – considerado por Muceniecks o “campeão da *temperantia*”¹⁹² –, e pode-se dizer que ele também resume todos os ideais de cavalaria e de cortesia na *GD*. Saxo conta que, sob o apadrinhamento de Thor e Odin, o guerreiro teria recebido o dom de três vidas humanas e, conseqüentemente, ele segue até o livro VIII da *GD*, no qual morre¹⁹³.

Starkad une-se às hostes de Frode IV pois, na descrição de Saxo,

“(…) a natureza havia lhe presenteado com um corpo de excelência sobre-humana; e a sua grandeza de espírito a igualava, tanto que o povo não o via atrás de nenhum homem em matéria de valor. Tão amplamente sua glória se espalhou que a fama de seu nome e seus feitos continua famosa ainda hoje. Ele brilhou entre os nossos próprios compatriotas por sua gloriosa lista de façanhas (...)”¹⁹⁴

Em guerra contra os saxões, a Dinamarca perde, e o rei Frode, a quem Starkad servia fielmente, acaba morto. O trono então fica nas mãos de seu filho Ingild que, ao invés de buscar vingança pela morte do pai¹⁹⁵, faz uma trégua com os saxões e os convida para banquetes em sua corte, para o horror de Starkad, que o abandona. Saxo descreve longamente os erros de Ingild: além de não vingar seu pai, ele é glutão e cheio de vícios, devotado ao ócio e a prazeres terrenos. Frívolo, ostenta riquezas e luxos desnecessários, e não se compara em nada com a glória de seu falecido pai¹⁹⁶.

Em contraste, Saxo ressalta a sobriedade e contenção de Starkad (junto a seu companheiro de luta, Bemon):

¹⁹² MUCENIECKS, *op. cit.*, p. 151.

¹⁹³ O guerreiro Starkad, como citado anteriormente, aparece com frequência no folclore germânico, e também é personagem de diversas sagas, como a *Gautreks saga* e a *Ynglingasaga*. Para maiores detalhes, vide DUMÉZIL, *op. cit.*, *idem*.

¹⁹⁴ “(…) nature had gifted him with a body of superhuman excellence; and his greatness of spirit equalled it, so that folk thought him behind no man in valour. So far did his glory spread, that the renown of his name and deeds continues famous even yet. He shone out among our own countrymen by his glorious roll of exploits (...)” SAXO, *op. cit.*, p. 237.

¹⁹⁵ Impossível não questionar a defesa da vingança por parte de um clérigo. Neste episódio, assim como em outros vistos ao longo deste capítulo, Saxo exalta a busca pela compensação da morte de familiares dos guerreiros analisados. Como se pôde perceber, os indivíduos que merecem punição são inimigos externos da Dinamarca: noruegueses - no caso de Hadding -, e saxões - no caso de Ingild; e é preciso ter em mente tanto o contexto das cruzadas setentrionais quanto as animosidades antigas entre esses povos. A única exceção é Amleth, que pune o tio traiçoeiro, e que se constitui em um caso à parte na narrativa.

¹⁹⁶ *Idem*, *ibidem*, pp. 245-246.

“(...) Starkad e Bemon eram tão cuidadosos em manter a moderação que se diz que eles nunca se deixavam satisfazer com bebidas intoxicantes, por medo de que a abstinência, o maior elo da bravura, poderia ser expulsa pelo poder de libertinagem.”¹⁹⁷

Starkad, portanto, é um guerreiro sóbrio e moderado. Após passar por uma série de peripécias e combates – incluindo vencer nove guerreiros de uma vez só –, Starkad volta à Dinamarca para dar uma lição no rei Ingild. Chegando lá, Saxo descreve o banquete oferecido para Starkad e os saxões:

“Ao contrário de Starkad, Ingild lançou o exemplo de seus antepassados aos ventos, e deu-se mais livre licença de inovação nas modas culinárias do que o costume de seus pais havia permitido. Pois, quando ele já havia se abandonado aos costumes da terra dos teutões, ele nem corava ao ceder a tal libertinagem efeminada. (...) Então vieram pratos magníficos, uma cozinha suntuosa, (...) e todos os tipos de salsichas abomináveis. Disso veio a utilização, saindo dos caminhos de nossos pais, de uma vestimenta mais dissoluta. Assim, o nosso país, que estimava a auto-contenção como qualidade nativa, foi implorar aos nossos vizinhos pelo luxo, cujos atrativos encantaram tanto a Ingild que ele não achava vergonhoso recompensar erros com bondade, nem o atroz assassinato de seu pai o fazia soltar um suspiro de amargura quando cruzava sua mente”¹⁹⁸.

Mesmo em parte cômica, a descrição de Saxo revela seu desgosto com certos costumes dos teutões (a quem ele chama “efeminados”) que penetravam na Dinamarca, e Ingild, tendo abandonado as tradições de seus ancestrais, havia mergulhado em excessos e vícios.

Starkad recusa as comidas excessivamente requintadas de Ingild e os presentes de sua esposa. Em meio ao banquete, irritado com o músico da corte, Starkad joga um osso em seu rosto, fazendo-o chorar. Ao final, estafado com tanta infâmia e frivolidade, Starkad pronuncia longo poema (possivelmente cantado)¹⁹⁹, admoestando Ingild a se dar conta de seus erros, e obtem êxito. Ingild, regenerado, mata os saxões e vinga a morte do pai, tornando-se um rei sóbrio e elevado.

Starkad aparece novamente nos livros VII e VIII, participando da batalha de Bravalla, mas em função de uma reviravolta na narrativa, luta no lado sueco. De acordo com Saxo:

¹⁹⁷ “(...) Starkad and Bemon were so careful to keep temperate, that they are said never to have indulged in intoxicating drink, for fear that continence, the greatest bond of bravery, might be expelled by the power of wantonness”. Idem, *ibidem*, p. 239.

¹⁹⁸ “Unlike Starkad Ingild flung the example of his ancestors to the winds, and gave himself freer licence of innovation in the fashions of the table than the custom of his fathers allowed. For when he had once abandoned himself to the manners of Teutoland, he did not blush to yield to its unmanly wantonness. (...) Hence came magnificent dishes, sumptuous kitchens, (...) and all sorts of abominable sausages. Hence came our adoption, wandering from the ways of our fathers, of a more dissolute dress. Thus our country, which cherished self-restraint as its native quality, has gone begging to our neighbours for luxury; whose allurements so charmed Ingild, that he did not think it shameful to requite wrongs with kindness; nor did the grievous murder of his father make him heave one sigh of bitterness when it crossed his mind”. Idem, *ibidem*, p. 255.

¹⁹⁹ Idem, *ibidem*, pp. 258-263.

"Starkad foi o primeiro a contar em língua dinamarquesa a história da guerra sueca, um conflito do qual ele próprio foi um poderoso pilar; sendo a dita história uma tradição mais oral do que escrita. Ele estabeleceu e arranjou os acontecimentos desta guerra na língua materna de acordo com o costume de nosso país (...).²⁰⁰

Após a batalha de Bravalla, Starkad, velho e cansado após tantas façanhas, decide que sua hora chegou. Acaba encontrando um jovem de nome Hather, cujo pai Starkad havia matado anos antes. Por isso, convece-o a matá-lo para honrar o assassinato do pai, e Starkad tem um fim heroico digno de um guerreiro viking: não morre de velhice, mas em combate singular com um jovem guerreiro.

²⁰⁰ "Starkad was the first to set in order in Danish speech the history of the Swedish war, a conflict whereof he was himself a mighty pillar; the said history being rather an oral than a written tradition. He set forth and arranged the course of this war in the mother tongue according to the fashion of our country (...)". Idem *ibidem*, p. 305.

5. Considerações finais

Entre os séculos XI e XIII, a Europa medieval passou por mudanças profundas, que alteraram a estrutura da sociedade e as mentalidades do povo cristão. Em um primeiro momento, enquanto a ideologia religiosa da Igreja se expandia junto à Cristandade, o comércio e a urbanização se intensificam, fomentando a circulação de mercadorias e o surgimento de prósperos grupos sociais mercantis, a *mercatura*. A atuação da Igreja – a *ecclesia* – e da *mercatura*, difundindo-se para as regiões periféricas e semi-periféricas do centro cristão, engendraram o surgimento de um sistema-mundo católico, que aumentou os intercâmbios comerciais e religiosos entre essas áreas.

Em um segundo momento, no centro medieval, algumas monarquias se ergueram, ao mesmo tempo em que ocorria o florescimento de uma literatura cavaleiresca, calcada no renascimento cultural do século XII, e difundindo os ideais comportamentais cortesês que surgiam entre as elites.

Sob a influência da expansão da Cristandade, da ideologia religiosa, da cultura cortês e do processo de europeização, os reinos escandinavos deixaram progressivamente de ser uma região semi-periférica do centro europeu para figurarem entre as grandes monarquias cristãs. Com isso, compuseram sua própria literatura, produzindo um amálgama entre as tradições nativas pagãs e a ideologia religiosa e a literatura cortês que vinha do continente.

Saxo, como agente de europeização, escreveu a *Gesta Danorum* procurando cimentar a entrada da Dinamarca na esfera dos grandes reinos europeus medievais, construindo o passado do reino com exaltações “patrióticas”, vindas de um passado longínquo e heroico. O clérigo dinamarquês inseriu, em vários personagens - históricos ou míticos -, atitudes virtuosas e uma sagacidade que os assemelha à imagem do cavaleiro ideal medieval, representando-os, em diversos momentos, com um comportamento cortês exemplar, e criando, assim, protótipos de personagens históricos que se enquadravam à sua proposta literária.

Neste trabalho, tentei demonstrar como Saxo, enquanto letrado e incluído intelectualmente na mentalidade da Cristandade medieval, trouxe desta esfera literária e cultural o ideal de cavalaria e do comportamento cortês, que influenciou sua escrita juntamente com as virtudes clássicas típicas do humanismo do século XII. O objetivo de Saxo, a meu ver, não foi igualar os heróis da *GD* aos cavaleiros cristãos piedosos, mas sim representá-los com um comportamento cavaleiresco e cortês, que fazia parte do imaginário da Europa cristã e que se disseminava, aos poucos, entre as mentalidades dos reinos escandinavos em ascensão.

6. Bibliografia

Fontes:

SAXO GRAMMATICUS. *The Danish History*. Tradução de Oliver Elton (publicação original de 1894). Champaign: Lightning Source Inc., s/d.

SAXO GRAMMATICUS. *The History of the Danes, books I-IX*. Tradução de Peter Fischer, com edição e comentário de Hilda Ellis Davidson. Cambridge: Boydell and Brewer Ltd, 1979-1980.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Perry. *Passages from Antiquity to Feudalism*. Bristol: Western Printing Services Ltd., 1974.

BARANAUSKAS, Tomas. *Saxo Grammaticus on the Balts*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

BARTLETT, Robert, *From Paganism to Christianity in medieval Europe*. In: BEREND, Nora (ed.). *Christianization and the rise of Christian Monarchy – Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BLOMKVIST, Nils. *The Discovery of The Baltic - The Reception of a Catholic World-system in The European North (ad 1075-1225)*. The Northern World Series, volume 15; Leiden/Boston: Brill Academy Publishers, 2005.

BOUCHARD, Constance B. “*Feudalism*”, *Cluny, and the Investiture Controversy*. In: BLANKS, FRASSETTO & LIVINGSTON (ed.). *Medieval monks and their world: ideas and realities*. Leiden/Boston: Brill Academy Publishers, 2006.

BRINK, Stefan & PRICE, Neil. *The Viking World*. Nova Iorque: Routledge – Taylor and Francis Group, 2008.

BRØNDSTED, Johannes. *Os vikings – história de uma fascinante civilização*. São Paulo: Hemus, 2004.

CASTORIADIS, Cornelius. *The Imaginary Institution of Society*. Cambridge: Polity Press, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Crusades*. Londres: Penguin Books Ltd., 1997.

DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DIJK, Teun A. van. *Ideology - a multidisciplinary approach*. Londres: SAGE Publications, 2000.

DUBY, Georges. *The Three Orders – Feudal Society imagined*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

_____. *O tempo das catedrais – a arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

_____. *Idade Média, Idade dos Homens – do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUMÉZIL, Georges. *The Stakes of the Warrior*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1983.

FERRER, Marlen. *State formation and courtly culture in the Scandinavian Kingdoms in the High Middle Ages*. *Scandinavian Journal of History*, volume 37, número 1, 2012. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03468755.2011.640174#.UnuFQScgnlw>>, acesso em 29/09/2013.

FLORI, Jean. Verbete “Cavalaria”. In: SCHMITT & LE GOFF (Ed.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, volume I. São Paulo: EDUSC, 2002, pp. 185-199.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média – Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GARIPZANOV, Ildar H. *Frontier Identities: Carolingian frontier and the gens Danorum*. In: GARIPZANOV et al (ed.). *Franks, Northmen and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols Publishers, 2008.

GELTING, Michael H. *The kingdom of Denmark*. In: BEREND, Nora (ed.). *Christianization and the rise of Christian Monarchy – Scandinavia, Central Europe and Rus’ c. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

GRUNDMANN, Herbert. *Geschichtsschreibung im Mittelalter (Escrita da História na Idade Média)*. Göttingen: Editora Vanderhoeck & Ruprecht, 1987.

HERMANSON, Lars. *Friendship and Politics in Saxo Grammaticus’ Gesta Danorum*. In: *Revue belge de philologie et d’histoire*; tome 83 fasc. 2, 2005. *Histoire médiévale, moderne et contemporaine - Middeleeuwse, moderne en hedendaagse geschiedenis*. pp. 261-284. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_2005_num_83_2_4922> acesso em 29/09/2013.

IBAÑEZ LLUCH, Santiago. *Saxo Gramático, traductor*. *Hermēneus - Revista de Tradução e Interpretação*; número 6, 2004. Disponível em <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1027638.pdf>, acesso em 29/09/2013.

KAEUPER, Richard. *The societal role of chivalry in romance: northwestern Europe*. In: KRUEGER, Roberta L. (ed.). *The Cambridge Companion to Medieval Romance*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

KAY, Sarah. *Courts, clerks and courtly love*. In: KRUEGER, Roberta L. (ed.). *The Cambridge Companion to Medieval Romance*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

KVÆRNDRUP, Sigurd. *The Composition of the Gesta Danorum and the Place of Geographic Relations in its Worldview*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

LE GOFF, Jacques. Verbete “Centro/periferia”. In: SCHMITT & LE GOFF (Ed.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, volume I. São Paulo: EDUSC, 2002, pp. 201-217.

LÖNNROTH, Lars. *The Vikings in history and legend*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

LUND, Niels. *The Danish Empire and the end of the Viking Age*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

MUCENIECKS, André S. *Virtude e Conselho na pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII)*. Tese de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/14475/Dissertacao_Andre_Muceniecks.pdf?sequence=1>, acesso em 23/09/2013.

NORS, Thyra. *Marriage and Politics in Saxo's Gesta Danorum*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

RÉGINE-BOHLER, Danielle. Verbete “Amor cortesão”. In: SCHMITT & LE GOFF (Ed.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, volume I. São Paulo: EDUSC, 2002, pp. 47-56.

SAWYER, Birgit. *Valdemar, Absalon and Saxo: historiography and politics in Medieval Denmark*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*; tome 63 fasc. 4, 1985. *Histoire médiévale, moderne et contemporaine*, pp. 685-705. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_1985_num_63_4_3518>, acesso em 30/09/2013.

SAWYER, Peter H. *Kings and Vikings - Scandinavia and Europe A.D. 700-1100*. Londres/Nova Iorque: Routledge – Taylor and Francis Group, 2003.

SELLIER, Philippe. Verbete “Heroísmo (o modelo – da imaginação)”. In: BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005; pp. 467-473.

SILVA, Andréia Frazão & RUST, Leandro. *A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito*. In: Revista História da Historiografia, número 3, Ouro Preto: setembro de 2009; pp. 135-152. Disponível em <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/62/38>>, acesso em 15/12/2013.

SHORT, William R. *Icelanders in the Viking Age – the people of the sagas*. Jefferson: McFarland & Company Inc., 2010.

SØRENSEN, Preben Meulengracht. *Religions old and new*. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

STEINSLAND, SIGURÐSSON, et al (Ed.). *Ideology and Power in the Viking and Middle Ages - Scandinavia, Iceland, Ireland, Orkney and the Faeroes*. The Northern World Series, volume 52. Leiden/Boston: Brill Academy Publishers, 2011.

TULINIUS, Torfi H. *Sagas of Icelandic Prehistory (fornaldarsögur)*. In: McTURK, Rory (Ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic literature and culture*. Malden, Oxford e Melbourne: Blackwell Publishing Ltd, 2005.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZEEBERG, Peter. *Translating Saxo*. In: NYBERG, Tore (ed.). *Saxo and the Baltic Region - A Symposium*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2004.

7. Anexos

Mapas:

Mapa 01 – O sistema-mundo católico em c. 1200	13
Mapa 02 – A Escandinávia na Era Viking	29
Mapa 03 – A Dinamarca dos séculos X ao XII	33
Mapa 04 – Área aproximada dos assentamentos de tribos bálticas no século XII	49

Figuras:

Figura 01 – Parte do manuscrito de Angers, o único da <i>GD</i> datado do século XIII	41
---	----

Tabelas:

Tabela 01 – Evolução demográfica da Cristandade ocidental	19
---	----